



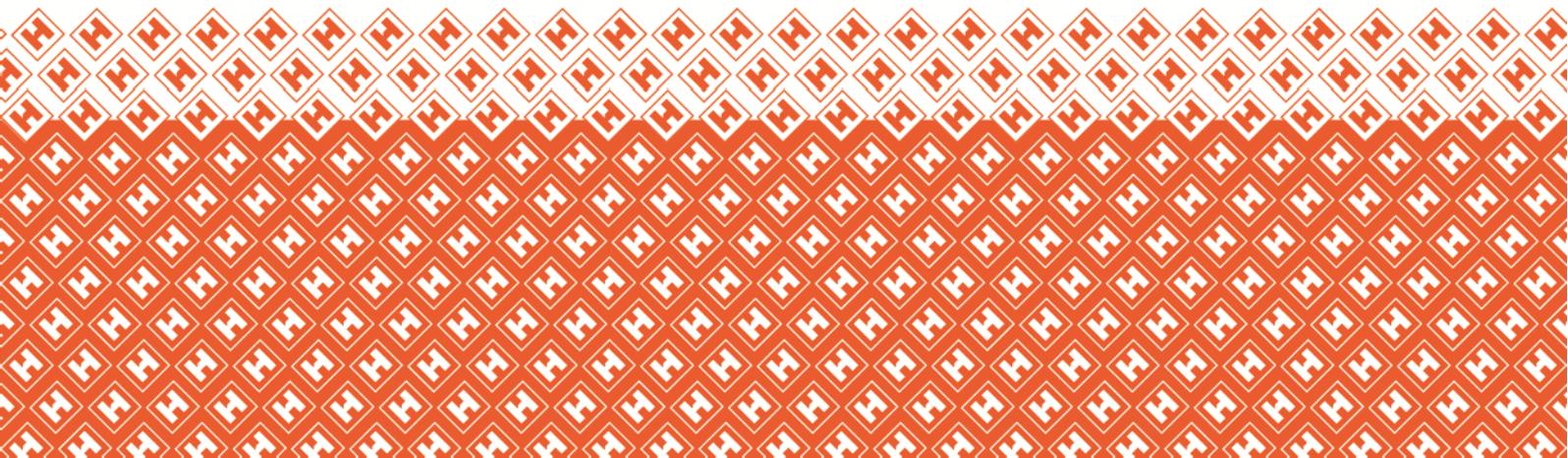
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

JULIENTINA MARIA LIGÓRIO ROSA

HISTÓRIA LOCAL E CIBERESPAÇO: MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA DE TURVÂNIA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Janeiro/ 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

**HISTÓRIA LOCAL E CIBERESPAÇO: MEMÓRIA E ENSINO DE
HISTÓRIA DE TURVÂNIA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM**

JULIENTINA MARIA LIGÓRIO ROSA

**Goiânia-GO
2023**



UNIVERSIDAD FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

2. Nome completo do autor

Julientina Maria Ligório Rosa

3. Título do trabalho

História Local e Ciberespaço: memória e ensino de História de Turvânia na rede social Instagram

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa.

Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de

embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Lima Gomes, Professor do Magistério Superior**, em 13/03/2023, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julientina Maria Ligório Rosa, Discente**, em 14/03/2023, às 08:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3592382** e o código CRC **1E077A25**.

JULIENTINA MARIA LIGÓRIO ROSA

**HISTÓRIA LOCAL E CIBERESPAÇO: MEMÓRIA E ENSINO DE
HISTÓRIA DE TURVÂNIA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de História, sob a linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas históricas, produção e difusão.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Lima Gomes.

**Goiânia-GO
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rosa, Julientina Maria Ligório

História local e ciberespaço [manuscrito] : memória e ensino de história de Turvânia na rede social Instagram / Julientina Maria Ligório Rosa. 2023.

XCVIII, 98 f.

Orientador: Prof. Ivan Lima Gomes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Pró reitoria de Pós-graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2023.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Memória . 4. Fotografia. I. Gomes, Ivan Lima, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **007/2023** da sessão de Defesa de **Dissertação** de **JULIENTINA MARIA LIGÓRIO ROSA**, que confere o título de **Mestre(a) em Ensino de História**, na área de concentração em **Ensino de História**.

Ao/s **dezesseis dias de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **14h00**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **“História Local e Ciberespaço: memória e ensino de História de Turvânia na rede social Instagram”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Ivan Lima Gomes (ProfHistória-UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Vivian Luiz Fonseca (ProfHistória/UERJ)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Heloisa Selma Fernandes Capel (ProfHistória-UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Ivan Lima Gomes**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dezesseis dias de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três**.
TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Lima Gomes, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heloísa Selma Fernandes Capel, Professora do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 18:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Maria De Magalhães, Coordenador de Pós- graduação**, em 17/02/2023, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3519389** e o código CRC **6F8B046A**.

Referência: Processo nº 23070.007549/2023-00 SEI nº 3519389

file:///C:/Users/Educação 7/Downloads/SEI-UFG - 3519389 - Ata de Defesa de Dissertação.html

JULIENTINA MARIA LIGÓRIO ROSA

**HISTÓRIA LOCAL E CIBERESPAÇO: MEMÓRIA E ENSINO DE
HISTÓRIA DE TURVÂNIA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de História, sob a linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas históricas, produção e difusão.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Lima Gomes.

Aprovação: 16/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivan Lima Gomes (Orientador)
Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof.^a. Dr^a Vivian Luiz Fonseca (Membro titular)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ

Prof.^a Dr^a Heloisa Selma Fernandes Capel (Membro titular)
Universidade Federal de Goiás- UFG

Prof. Dr Jiani Fernando Langaro (Membro suplente)
Universidade Federal de Goiás- UFG

Prof. Dr Gustavo Pinto de Sousa (Membro suplente)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ

Goiânia – GO
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me amaram e incentivaram a estudar, por acreditar que a educação muda realidades. Ao meu esposo e aos meus filhos, que me apoiaram em momentos que pensei em desistir. Aos meus alunos, que me inspiram e me fazem acreditar que um amanhã melhor é possível. E a todos turvanienses, povo humilde e acolhedor que tanto colaboram para a minha pesquisa

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus porque Ele foi e é o meu amparo e meu sustento para concretizar esta importante etapa da minha vida.

Aos meus amados pais. Minha mãe Selenita, companheira diária e exemplo de fé. Ao meu pai Afonso, falecido em 2010, mas que deixou um legado inesquecível: honestidade e caráter, levava-nos para a “roça” para mostrar que, sem a educação, estávamos fadados àquele destino.

Aos amores da minha vida, meu esposo Nilton e aos meus filhos Vítor Mateus e Ana Laura, que me apoiam incondicionalmente e me inspiram a lutar pelos meus sonhos.

Aos meus queridos professores do ProfHistória UFG: profs. Drs. Alexandre, Armênia, Cristiano Alencar, David Maciel, Heloísa e Sônia Magalhães, que contribuíram imensamente para minha formação profissional e acadêmica. Enfatizando a humanidade, acompanhamento e acolhimento das professoras Heloísa Capel e Sônia, enquanto coordenadoras do programa.

Ao meu orientador Ivan Lima Gomes por sua solicitude, competência e paciência que me incentivou e me atendeu, mesmo no atraso, no desespero e nos problemas de saúde que enfrentei. Obrigada por tudo!

Aos professores que participaram da minha banca de qualificação: profs. Drs. Jiani Langaro, Vivian Fonseca e Heloísa Capel, pelas importantes observações e contribuições.

Aos colegas de trabalho do CEPI João Rezende de Araújo, em especial minha amiga e ex-aluna Juliene Moreira, que, desde o processo seletivo, me apoiou nesse projeto. E aos colegas e alunos do Colégio Herculino Gomes Arantes, onde trabalho atualmente, obrigada por terem me recebido tão bem.

Às famílias Cabral, Gomes Arantes, Monteiro, Oliveira e Rodrigues, que me cederam suas fotografias com tanta solicitude.

A todos colegas da primeira turma do ProfHistória da UFG, em especial a Leandro Garcia, Aurélio, Maria Lina e Vinícius. Vocês estarão sempre em meu coração.

Muito Obrigada!

ROSA, Julientina Maria Ligório. História Local e Ciberespaço: memórias e ensino de história de Turvânia na rede social Instagram. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação e pesquisa mestrado profissional em ensino de História) Universidade Federal de Goiás, 2022.

RESUMO: O presente trabalho traz uma abordagem teórico-metodológica sobre uma pesquisa histórica de análise através de fontes imagéticas, a partir de uma perspectiva cultural. Ela procura suscitar reflexões acerca da história local, explorando a capacidade da fotografia como fonte de memória e documental na composição do ensino e do conhecimento histórico no trabalho de recuperação, ressignificação e percepção da história de Turvânia. Minha pesquisa pretende dialogar com áreas de ensino para além da sala de aula, com o objetivo de criar desafios e possibilidades de uma educação do olhar para captar alguns significados e leituras da história local através de fotografias dos álbuns de cinco famílias que habitaram no município de Turvânia, no recorte temporal de 1930 a 1980. Através dessas fotografias anônimas, algumas de representações privadas e outras de caráter oficial e público, procura-se compreender os vestígios, a representação do social e os sentidos relacionados às memórias individuais e coletivas. Foi preciso buscar fundamentação de alguns arcabouços teóricos para a compreensão de alguns conceitos e métodos para análise dessas fotografias enquanto fontes históricas. Em Turvânia, cidade onde atuo como professora de História, é consenso entre os profissionais da educação que há uma enorme ausência de historiografia e material para se trabalhar com história local. Nesse sentido, a culminância dessa pesquisa será a criação de um perfil no Instagram para um repositório de fotografias locais e algumas sugestões e possibilidades de uma experiência metodológica e divulgação da pesquisa para docentes, discentes e comunidade em geral.

Palavras-Chaves: Ensino de História, História Local, Memória e Fotografia.

ROSA, Julientina Maria Ligório. Local History in the Networks: memories and teaching of Turvânia's history on Instagram. Master's Thesis (Postgraduate Program and Professional Master's Research in History Teaching) Federal University of Goiás, 2022

ABSTRACT: The present work brings a theoretical-methodological approach to a historical research of analysis through imagery sources, from a cultural perspective, seeking to raise reflections about local history, exploring the ability of photography as a source of memory and documents in the composition of teaching and learning. of historical knowledge in the work of recovery, resignification and perception of Turvânia's history. My research intends to dialogue with teaching areas beyond the classroom, with the objective of creating some challenges and possibilities to provoke an education of the look to capture some meanings and readings of local history through photographs of the albums of five families that lived in the municipality of Turvânia, in the time frame (1930-1980). Through these anonymous photographs (without the photographer's identification and sometimes without date), some of private representations and others of an official and public nature, we seek to understand the traces, the representation of the social and the meanings related to individual and collective memories. It was necessary to seek the foundation of some theoretical frameworks to understand some concepts and methods for the analysis of these photographs as historical sources. In Turvânia, the city where I work as a History teacher, there is a consensus among education professionals that there is a huge lack of historiography and material to work with local history. In this sense, the culmination of this research will be the creation of a profile on Intagran for a repository of local photographs and some suggestions and possibilities for a methodological experience and dissemination of the research to teachers, students and the community in general.

Keywords: Teaching History, Local History, Memory and Photography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 HISTÓRIA LOCAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA SOCIEDADE	22
1.1 A HISTÓRIA LOCAL E SUA CONSTRUÇÃO AO REDOR DO SUJEITO HISTÓRICO (ALUNO).....	22
1.1.1 O desafio da localidade para o sujeito histórico para compreensão da História Local.....	24
1.1.2 A História Local e a formação do sujeito histórico a partir da BNCC	26
1.2 O MUNICÍPIO DE TURVÂNIA COMO RECORTE PARA HISTÓRIA LOCAL.....	32
1.3 HISTÓRIA LOCAL ALÉM DE SUAS FRONTEIRAS E SUA INSERÇÃO NO CIBERESPAÇO	34
1.3.1 Turvânia “on-line”: a História Local do município através das redes sociais	35
CAPÍTULO 2: A FOTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA RESSIGNIFICAR A MEMÓRIA DA HISTÓRIA LOCAL	38
2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA: A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA	38
2.2 FOTOGRAFIA COMO FONTE DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA.....	41
2.2.1 Fotografia como fonte de memória.....	41
2.2.2 Fotografia como fonte da História	43
2.2 FOTOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE (OUTRAS) LEITURAS DA HISTÓRIA LOCAL	49
2.2.1 Análises imagéticas e a sua utilização para o estudo da História local	50
2.3 A CULTURA VISUAL, MUNDO DIGITAL E ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS PARA O INSTAGRAM.....	54
CAPÍTULO 3: HISTÓRIA LOCAL E HISTÓRIA PÚBLICA, UM DIÁLOGO POSSÍVEL A PARTIR DA HISTÓRIA DIGITAL	57
3.1 HISTÓRIA LOCAL PÚBLICA E SEU DESENVOLVIMENTO	57
3.1.1 História local se tornando pública através da história digital	59
3.2 INSTAGRAM E CAMINHOS PARA COMPARTILHAR INFORMAÇÃO POR MEIO DA INTERAÇÃO	62
3.2.1 Instagram: contribuições para história pública	64
3.3 RELATOS DO PRODUTO FINAL: @memoriaehistoriadeturvania.....	66
3.3.1 análises do espaço digital e a construção da história local a partir dos residentes do município de Turvânia.....	66
3.3.2 A Fotografia como fonte de história e a possibilidade de rememorar.....	69
3.3.3 A fotografia como texto imagético	71
3.3.3 A história em movimento a partir das interações com as fotografias	73
3.3.4 A história local a partir das imagens fotográficas	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

Um povo sem o conhecimento da sua história,
origem e cultura é como uma árvore sem raízes.
Marcus Garvey

Grande é a frustração de um professor/historiador, quando, nas poucas oportunidades que se tem para estudar e ensinar a história local, praticamente não encontra materiais e nem pesquisas relacionadas. Desde a graduação de História que concluí em 2001, já sentia vontade de escrever e de pesquisar sobre a História do Município de Turvânia, mas desisti diante da dificuldade e ao saber que muitos documentos foram destruídos em um incêndio que ocorrera a muitos anos atrás no prédio onde funcionava a Prefeitura, o Cartório e a Câmara de Vereadores. O que se tornou difícil desenvolver uma pesquisa sem os documentos escritos que foram consumidos no incêndio.

Diante desse contexto, percebe-se o quanto é difícil escrever a história dos pequenos municípios, pois, não há uma preocupação em guardar e cuidar dos arquivos documentais das pequenas cidades, por isso fica difícil romper com a hegemonia e a centralidade da história dos grandes centros urbanos. Escrever a história dos pequenos, visa a descentralização da história onde pessoas comuns possam ser inseridas como objetos e produtoras de conhecimento, além de começar a colocar em evidência a história de municípios, como Turvânia. Mas a história não se faz apenas com documentos escritos. Desde a Terceira Geração dos Annalles, o acolhimento e análise de novos objetos, abordagem e análises, fizeram-se presentes na historiografia mais recente. Nos últimos anos, os historiadores passaram a buscar uma independência dos documentos escritos, demonstrando um maior interesse em outros documentos que não apenas os textuais.

Ingressa em 2020, no primeiro Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), em que ocorreu apenas um encontro presencial: a Aula Inaugural em 09 de março daquele mesmo ano. Que devido a pandemia do Covid-19, com a necessidade do isolamento social, ocorreu a suspensão das aulas presenciais. Mesmo diante a atual calamidade pública, não podíamos perder o foco, com esforço da Coordenadora do ProfHistória da UFG, a professora Heloísa Capel, manteve dois encontros semanais de forma virtual. O ProfHistória é um Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional

que tem como objetivo proporcionar a formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docente em História na Educação Básica, visando a dar ao egresso qualificação certificada para o exercício da profissão de História. (Artigo 1º do Regimento Geral do ProfHistória). Ao ler esse artigo, examinei que esse é o maior desejo e uma grande motivação da maioria dos professores de História que estão em sala de aula, que é encontrar maneiras de levar qualidade de ensino ao discente. Ao iniciar o Mestrado ainda não tinha claro qual seria o tema da pesquisa. Mas tinha a convicção de que o desenvolvimento do projeto de pesquisa precisava ter esse alcance proposto pelo ProfHistória.

Com o Mestrado tive de novo a chance de fazer uma pesquisa relacionada a historicidade do município. Como professora há 29 anos, sendo 20 com graduação e atuando em História, me incomodava o fato de até o momento não ter contribuído para os registros da história do meu município. Comecei a pensar que outra fonte histórica poderia utilizar para a produção de uma pesquisa que pudesse colaborar com a historiografia regional e ao mesmo tempo recuperar e registrar a memória da história local. Lembrei-me meus avós paternos, chegaram aqui na região ainda em 1953, quando o povoado ainda era denominado Poções. E que ainda tínhamos algumas fotografias antigas. Então surgiu o *insight*. A relação da memória e da história local com sujeito e sua importância a partir de sua construção cotidiana?

Dessa forma, pretende-se discutir a memória e a história local por meio da imagem /fotografia, como possibilidades de composição de conhecimento histórico em diálogo com a produção historiográfica mais recente, além de pensar a relação entre teoria e prática no uso de imagens na construção da história local a partir da memória do sujeito.

Dessa maneira, nossa fonte de estudo são fotografias de cinco famílias que chegaram no município em seu período de formação e desenvolvimento. A escolha das cinco famílias levou em consideração o número de descendentes e a influência na construção da história local. O trabalho de coleta de fotografias se dará num recorte temporal de 1930-1980, buscando compreender possibilidades e limites da utilização de fotografias (imagens) como fonte documental no trabalho de recuperação, ressignificação e percepção da história do município de Turvânia.

O recorte feito para realização do trabalho compreendendo cinquenta anos é significativo para uma observação das raízes históricas-culturais dos primeiros moradores do município, este período referido tem início com as primeiras

conquistas do município e suas mudanças econômicas, como a emancipação política, construções de escolas e um significativo crescimento econômico. Tais questões encontram-se como base para construção da História do município, visto que há uma lacuna nesse período.

Aliando história local, memória e a fotografia, o trabalho, portanto, não se trata apenas de pesquisar os primórdios da sociedade turvaniense através das fotografias, mas uma pesquisa com uma abordagem cultural: modos de vida, hábitos cotidianos, valores, formas de vestir, morar, trabalhar, festejar, fazer política etc. Trazer à luz hábitos que, por vezes, foram invisibilizados no cotidiano da cidade, primando por evidenciar a contribuição dos acervos fotográficos para a compreensão dos fatos históricos, tendo como objetivo o resgate de elementos da história da cidade e seus lugares, valorizando fontes fotográficas como elemento informativo de uma época remota, além de situar os discentes em suas vivências e memórias.

As fotografias que, muitas vezes, são guardadas em caixas no fundo do guarda roupas ou em álbuns fotográficos que tem função de arquivos, mas também de registro de memória. Os álbuns, além de guardar a fotografia é uma forma de contar histórias, por que tem vocação narrativa. A composição de um álbum e as caixas de fotografias são invariavelmente motivadas pela intenção de preservação da memória e recheadas de mensagens apresentada em forma de narrativas, principalmente nos encontros familiares. As fotografias são marcadas por diversas representações de momentos relevantes para os sujeitos retratados e a comunidade local. Mauad (2008) argumenta sobre a capacidade da imagem visual,

Compreendida como resultante de uma relação entre sujeitos, a imagem visual engendra uma capacidade narrativa que se processa numa dada temporalidade. Estabelece, assim, um diálogo de sentidos com outras referências culturais de caráter verbal e não-verbal. As imagens nos contam histórias, atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a história. Esse o campo que define a ordem do visível (e do invisível). (MAUAD, 2008, p. 20)

Os registros fotográficos, além de evocar lembranças afetivas, também contêm preciosas informações sobre um determinado tempo histórico. Segundo Benjamim, “a fotografia “ilumina” temas que, com a restrição da fonte escrita, não era passível de ser pesquisados, e mais, não era sequer percebidos”. A fotografia é

uma forma eficaz de analisar o contexto histórico, que, às vezes, não é tão clara num texto escrito, como hábitos e costumes ou coisas que hoje nem existem mais. Através fotografia pode-se valorizar e expor situações de nossa cultura evidenciando lugares, pessoas e acontecimentos. Segundo Kossoy (2001), a fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas.

Trabalhar com a fotografia como fonte histórica pode-se encontrar muitos vestígios para compreender as características da história de Turvânia, bem como entender o processo pelo qual se formou nossa sociedade atual. A fotografia enquanto exposição temporal aponta para a possibilidade de ressignificação da história local, através da qual os discentes possam interpretar determinados momentos relacionados ao contexto social e compreender que a fotografia carrega consigo as representações do cotidiano de uma época, mesmo que essa fotografia faça parte de um arquivo pessoal.

A fotografia pode ser utilizada como suporte para a memória da história local, na intencionalidade de rememorar a história da cidade por meio das imagens. A História local pode ser um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois é uma realidade mais próxima do meio do discente. Embora atualmente, esse tema seja mais abordado nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, mais especificamente, na primeira e segunda fases da educação escolar brasileira, percebo, que seu estudo também se faz necessário no Ensino Médio, na qual atuo.

A construção da identidade do discente enquanto sujeito histórico e de pertencimento ao seu grupo de convívio pode ser reforçada a partir de uma abordagem da história local, acerca de uma reflexão crítica da realidade, do espaço-tempo, das mudanças e permanências. Para a afirmação da identidade e do senso de pertencimento é importante preservar suas memórias para compreender as suas próprias origens. Não se vive do passado, vive-se do presente e do futuro, porém, para compreender as transformações pelas quais um determinado povo tem passado, é necessário compreender como era antes, até mesmo para estabelecer parâmetros para entender essa transformação.

A observância dessas transformações culturais e sociais podem ajudar os discentes no reconhecimento de si mesmos, como sujeitos produtores de conhecimento, capazes de reivindicarem seus direitos, se reafirmarem e reconstruírem suas identidades. Fonseca 2006, ressalta sobre a importância da

educação histórica e a da formação de uma consciência histórica para além da sala de aula, bem como compreender a relação tempo/espaço e encontrar marcas e fontes variadas para estudar o cotidiano e a história local:

A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (FONSECA, 2006, p. 128).

A percepção e compreensão sobre a História Local tem sua importância para identificação do passado e presente a partir do espaço de convivência da pessoa. Tal convivência assimilada de forma individual introduz uma formação coletiva sobre a história, de modo que a História Local seja construída com as relações sociais de um determinado grupo ou realidade. Dessa forma, gradativamente fazendo assimilações, resignificando alguns conceitos construídos ao longo do tempo pela cultura, vão sendo incorporadas na história da humanidade, isso indica que por mais remota que seja a localidade ela faz parte do processo histórico interligando através das relações sociais as diferentes culturas e outras vivências de outros grupos

Antes relegadas a segundo plano, por não constituírem um documento textual, ou usadas apenas como um apêndice e mera ilustração, as fotografias ganharam legitimidade como documento histórico, como parte integrante de um universo visual, analisadas à luz de parâmetros teóricos. Por outro lado, segundo Kossoy (2001), “apesar de sua aparente credibilidade, nelas também ocorrem omissões intencionais, acréscimos e manipulações de toda ordem”. É preciso compreender que a fotografia traz informações visuais de um fragmento do real tanto no sentido espacial como temporal, é um “momento congelado da realidade e não toda ela, é um fragmento, selecionado e organizado esteticamente e ideologicamente” (KOSSOY, 1989, p.22).

A pesquisa culminará na criação de um perfil no Instagram denominado *@memoriaehistoriadeturvania*. A proposta didática de constituição de conhecimento através de imagens/fotografias que serão organizadas em um perfil no Instagram,

para interação dos discentes, docentes e pessoas em geral, busca incentivar a produção de narrativas históricas para dar visibilidade à costumes e peculiaridades que as memórias passam a trazer, enfatizando os processos de mudança e relacioná-las com o presente. A parcela desses arquivos fotográficos que exporemos no Instagram, visa compor uma “ferramenta pedagógica adaptável, personalizável e ubíqua, dotada de um conteúdo diferenciado, atrativo e em consonância com as necessidades e interesses do público-alvo” (OLIVEIRA, 2020, p.52). Na pesquisa há também uma preocupação dessa história não se perder no tempo, porque muitas pessoas que guardavam essa memória viva, já morreram e junto com elas, parte dessas histórias. Na busca por fotografias para a pesquisa, grande foi a decepção por que muitas famílias já se desfizeram dessas fotografias enquanto outras, guardam como um verdadeiro tesouro.

É interessante perceber a diferença de importância que as pessoas dão as fotografias antigas. Nos últimos anos a história pública tem ganhado contribuições significativas através da história digital. À medida que a tecnologia está fazendo parte do cotidiano humano está tornando cada vez mais comum a utilização dos espaços digitais para construção histórica através de museus imagéticos ou através de perfis em rede sociais resgatando a memória de determinada localidade, tais construções oferecem uma democratização da produção de conhecimento, uma vez que o espaço digital permite o entrelace de diversas histórias individuais que estão inseridas na história pública.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos a importância da história para a sociedade e de como ela é construída em torno do sujeito, pois em torno do sujeito está a História Local. Mesmo se tratando do contexto, do cotidiano ainda é um desafio trabalhar História local desde o período escolar, por isso, neste primeiro capítulo trabalhamos a relação da História local e a formação do sujeito a partir da BNCC, demonstrando a complexidade é que trabalhar, desde a escola, a importância da temática. Um recorte histórico delimitou a localidade e situou o município de Turvânia como grupo de controle para realização da pesquisa.

No segundo capítulo da pesquisa trabalhamos a importância da fotografia para História Local, pela falta de registro escrito e pela valorização da imagem/documento como fonte histórica este capítulo discorre a contribuição da fotografia como fonte de memória e como o sujeito realiza sua leitura. A análise

preliminar do material coletado traz o questionamento de como o avanço tecnológico contribuiu para ressignificação de conceitos como espaço e tempo, além de demonstrar uma nova relação mediada pelo espaço digital. Aliando a cultura digital e cultura visual, foi possível descrever neste capítulo de que forma a fotografia e sua utilização permitiram que ela tornasse cada vez mais comum no cotidiano das pessoas a partir do ciberespaço e, através das redes sociais, foi possível observar a interação do usuário como coautor da história, contribuindo para um permanente movimento da história em função dos seus públicos.

O terceiro capítulo do trabalho estabelece um diálogo entre História Pública e a História local mediado pela História Digital. A potencialização da publicidade da História Local foi trazida pela tecnologia. Os espaços tecnológicos e a vida que se passa entre as telas deixam claros que tanto as redes sociais quanto as fotografias vieram para fazer parte definitivamente do cotidiano das pessoas no século XXI, já que toda rede social que surge tem a imagem como forma de envolvimento. E, por trás de cada cena fotografada e compartilhada, há uma história. Neste capítulo é apresentado o produto final que o perfil do aplicativo Instagram @memoriaehistoriadeturvania, contendo fotografias dos moradores em locais comuns a toda sociedade, destacando o cotidiano dos moradores.

O perfil tornou público histórias até então restritas ao universo familiar, valorizando os que guardam a memória coletiva da sociedade e também rompendo com a ênfase dada ao documento escrito como fonte da História Local de Turvânia. O trabalho final exposto em forma de álbum auxilia na familiarização do sujeito com a história local, a utilização no formato de álbum ganha significado importante na dissertação devido por entender que uma forma de valorização da “raiz” cultural do município, pois é comum preservar-se a história familiar a partir do álbum.

Enfim, o presente trabalho visa colocar em evidência o estudo e a pesquisa da História do município de Turvânia, buscando estabelecer um diálogo contributivo para o ensino, abordando algumas possibilidades da utilização da fotografia como fonte. Visa, portanto, colocar-se como uma contribuição à historiografia local, estabelecendo uma sensibilização sobre a importância de se preservar fotografias, de uma forma a promover a democratização e um alcance maior do conhecimento, valorizando a memória social através de uma rede social, bastante conhecida atualmente.

CAPÍTULO 1 HISTÓRIA LOCAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA SOCIEDADE

A sociedade é objeto de estudo de diferentes disciplinas, tendo inúmeras abordagens. As percepções históricas, os fatos, a cultura e tudo que está inserido no contexto e no espaço do homem, sejam estes, geográficos ou político é de interesse da História. No afã de estabelecer um diálogo interdisciplinar com a as ciências sociais a partir do século XX ocorreram novas abordagens sobre o estudo da História Regional e Local, ampliando dessa forma o próprio conceito de História. Dentro de um contexto geral, o recorte feito pela História Local situa quem são os sujeitos (BARROS, 2005). A História Local deve ser considerada como a produção histórica dos lugares, fazendo referência às práticas culturais, sociais e políticas que determinadas populações têm como base para recriar o universo de relações que são demandadas do mundo externo e que são organizadas no espaço imediato (TORRE, 2020). É nesse sentido que se pretende abordar a história local do município de Turvânia. No caso, iremos nos apoiar nas práticas sociais e culturais e políticas identificadas a partir da leitura dos registros fotográficos.

Dessa forma pode-se compreender que essa modalidade da historiografia sempre está referida ao espaço imediato, incluindo nesse espaço as mais diversas relações que reverberam para além do local, compreendendo, superando “(...) uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um country inglês, uma bailwick, ou pays francês)” (GOUBERT, 1992, p. 45).

A importância da História Local está na sua forma de construção, valendo-se dos locais de convivência, sendo capaz de situar o indivíduo no passado e também no presente, ela é fundamental devido sua proximidade com o cotidiano da sociedade, ou seja, a construção da História Local é feita ao redor do sujeito histórico. Ela trata de suas relações sociais. Por isso, a partir do estudo da História Local, busca-se identificar as diferenças, as igualdades, comparar problemáticas e observar comportamentos, objetivando além de uma reafirmação da identidade, valorizando também uma reconstrução de significados (BARROS, 2005).

1.1A HISTÓRIA LOCAL E SUA CONSTRUÇÃO AO REDOR DO SUJEITO HISTÓRICO

A História Local está relacionada à realidade mais próxima do sujeito histórico, permitindo uma apropriação e uma compreensão do contexto em que está inserido, pois a realidade histórica da localidade faz parte de todo um contexto

regional e mundial (PAIM; PICOLLI, 2007). Por sua particularidade e recorte de um espaço, ela

requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (SAMUEL, 1989, p.220).

Pelos motivos expostos, vale destacar o ambiente escolar como um local inicial de abordagem da História Local, pois neste ambiente é possível refletir sobre as mais diversas fontes históricas e as mais diferentes abordagens. Ao mesmo tempo, para engajar-se num trabalho de história local o professor precisa realizar suas próprias investigações, o que permite à comunidade escolar atuar enquanto sujeitos produtores de conhecimento, delimitando suas fontes e que crie suas próprias conclusões e respostas para as perguntas que os inquietam (PAIM; PICOLLI, 2007). Sendo que é necessário compreender dentro dessa dinâmica que o recorte escolhido pelo historiador é uma iniciativa oriunda dos interesses da pesquisa; ela não necessariamente deve coincidir com os recortes geográficos ou administrativos pré-existentes (SCHMIDT; CAINELLI, 2009).

As observações durante o desenvolvimento da pesquisa permitiram perceber a importância da escolha do local, o ambiente escolar por exemplo constitui-se em um ambiente imparcial propício para construção do conhecimento, aliado a tal percepção o ensino da História Local realizado neste ambiente ganha proporções importantes uma vez que permite o indivíduo que está sendo formado sua cidadania e seu posicionamento crítico que ele desenvolva a identidade local e entenda as razões e raízes culturais da comunidade que ele está fazendo parte.

Mesmo o ambiente escolar sendo propício para o ensino de História Local, Selva Guimarães (2006) ressalta que a maneira de ensinar História já não é a mesma; os envolvidos no processo educacional – currículo, professores e alunos – mudaram. A respeito disso, é importante destacar que as primeiras décadas do século XXI foram marcadas por movimentos que procuraram repensar a História, as metodologias e as práticas de ensino. Num país tão plural, como o Brasil, o processo de construção de reconstrução de identidade e de sentimento de pertencimento, de construção de memória coletiva é um desafio.

A importância da abordagem da História Local para o ensino Fundamental ou Médio vai além do contexto de composição curricular. Ela parece aproximar-se de nós, não só fisicamente, mas como possibilidade de um passado mais recente, que ainda nos permeia. A abordagem do ensino da história local pode ser pensada, como ponto do desenvolvimento de competências que podem proporcionar aos discentes a constituição de um conhecimento histórico mais significativo. O estudo da história local está relacionado, portanto, a uma realidade mais próxima do aluno, uma vez que o oportuniza de apropriar-se e compreender melhor o contexto que está inserido:

Ao tomarmos como objeto o local- bairro, região, município- esperamos que as experiências refletidas sobre o território e a vizinhança contribuam para reflexão dos valores culturais ali presentes, abrindo novos horizontes para a afirmação e transformação dos mesmos [...] espera-se ampliar o potencial da reflexão histórica (PEREIRA, 2010, p.92)

O objeto da História Local sempre estará circunscrito a um determinado e lugar, cabendo ao historiador que está desenvolvendo a história local delimitar, dessa forma se entende que ao realizar o recorte do lugar que será o objeto de pesquisa o historiador estará delimitando o seu campo de trabalho.

1.1.1 O desafio da localidade para o sujeito histórico para compreensão da História Local

A localidade ou região possui dimensões, significados e contextos diferentes dentro do território nacional, seus limites se recortam e se superpõem, de modo que estando em um ponto qualquer, também pode-se estar ao mesmo tempo dentro de diversos conjuntos espaciais. Estes podem ser físicos, econômicos, religiosos, culturais e ideológicos. Essa compreensão é fundamental no momento de delimitar o espaço da História Local como objeto de estudo para o sujeito histórico, levando em consideração todas as influências que a localidade sofre (SCHMIDT; CAINELLI, 2009).

A localidade também possui influências de outros espaços que não de sua origem, já que o sujeito histórico pode ser oriundo de um outro local. No Brasil, por exemplo, isso aconteceu com a vinda dos portugueses, de africanos, italianos, espanhóis e outros imigrantes que vieram ainda no período colonial. Nota-se que a História Local está em constante movimento e por isso merece ter uma atenção

permanente com as diversas esferas espaciais que existem e que conectam o local com o nacional e com o global e que se conectam no tempo e no espaço.

No município de Turvânia o processo migratório é importante até a atualidade, pois o município foi formando sua identidade como ponto de apoio para as famílias que mudaram após adquirir propriedades rurais no entorno do então povoado Poções, com a pavimentação da rodovia GO-060 e o crescimento de cidades como os municípios de Palmeiras de Goiás e São Luis dos Montes Belos favoreceu o crescimento populacional da cidade.

Ao abordar a História Local, o sujeito histórico deve ter alguns cuidados, pois o lugar não existe isoladamente, mas sempre está inserido em um espaço onde tem a incidência de diversas influências e coordenadas. Logo pode-se compreender conforme Schmidt e Cainelli (2009, p.112), que a “realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação”, pois possui relações com outros espaços e com processos históricos amplos. As conexões permitidas pela localidade devem evitar reducionismo:

[...] quando olhamos o nosso redor, nosso bairro, associações, para as pessoas com que convivemos, não enxergamos a história neles e nem tampouco em nós mesmos. E por vezes, por isso, até (n) os desvalorizamos. Por raramente vermos “gente como a gente” como objeto das histórias que estudamos, também por não aprendermos a nos vermos a nós próprios como objetos de história no próprio presente. Muito menos, então como sujeitos. (COSTA, 2019, p. 133)

Partindo do pressuposto de que a questão dos “sujeitos históricos” tem estado em evidência não só nos debates teóricos historiográficos, mas também nas práticas didático escolares e que a partir dos anos de 1980 a formação de cidadãos críticos, sujeitos agentes da própria história tem sido parte integrantes dos currículos escolares. Ao acrescentar o adjetivo “históricos” a esses sujeitos, dá a eles uma posição de protagonista da ação, ou seja, um fio condutor da narração, aqueles graças aos quais o processo histórico está sempre associado à ideia de movimento e de ritmos de transformação (COSTA, 2019).

Os grandes acontecimentos, lugares e personagens deixaram de ser a única referência para o ensino de História. Discussões de uma história escrita “de cima para baixo” ou tida como global, universal, vem perdendo força. Quando estudamos uma história local, ela é indissociável de um processo maior, que a gerou, ou que

está inserido. Permitindo uma reflexão sobre a história da sociedade e a sua própria história, sendo partícipes da história, rompendo dessa forma com a forma de ensino positivista e com a ideia de que o ensino de história é algo do “outro”.

Nesse sentido, a construção do conhecimento histórico, a partir de análise de fotografias para significação da história de Turvânia, articula-se a um maior interesse dos discentes e conseqüentemente aproximação cognitivas de suas experiências culturais e com possibilidade de desenvolver uma pesquisa mais próxima da vida cotidiana das pessoas que residem no município.

Cabe agora refletir em que medida o reconhecimento da relevância historiográfica da História Local se desdobra nas políticas educacionais. Vejamos um caso específico de legislação.

1.1.2 A História Local e a formação do sujeito histórico a partir da BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o mais recente documento de caráter normativo e prescritivo, produzido pelo Ministério da Educação (MEC). O documento – cuja elaboração avançou de forma efetiva a partir de 2015 – define um conjunto de aprendizagens ao qual todos os estudantes da Educação Básica têm direito.

Ainda é difícil analisar os impactos da BNCC sobre a formação dos estudantes. Porém, a abordagem da História Local no Ensino Médio segue tímida e minimizada. Pensar em um ensino concentrado na realidade do aluno só é possível se o professor for capaz de desvencilhar-se das barreiras burocráticas e aproveitar as “brechas e ganchos” existentes nos atuais currículos, buscando meios de propor um ensino com maior inserção no contexto dos alunos, pois o tema da história local ainda é

bastante secundário nos currículos municipais e estaduais e a BNCC não dá mostras de reverter tal perspectiva portanto a história regional e, principalmente, a história local procura ser comprimidas nos anos iniciais do ensino fundamental pela preponderância da geografia física e de uma educação para o civismo, enquanto nos níveis posteriores é elipsada de ensino geral e do Brasil (LANGARO, 2018, p. 131).

O texto aprovado em 2015 da BNCC quando se refere ao ensino de História é tratado de forma geral, talvez seja devido ao vasto território nacional, as diferenças regionais contendo particularidades em sua cultura. A forma geral como a BNCC

trata ensino de História pode ser vista na inclusão da história da “África, das culturas afro-brasileiras e indígenas” (BNCC, 2015, p. 398). Tais temas são obrigatórios em todo país. Dando ao professor/historiador a responsabilidade de construção e aprofundamento dos temas citados.

Não existe no texto aprovado em 2015 especificações a respeito do trabalho da História Local, de acordo com Ribeiro (2011) a temática é trabalhada de forma secundária pela BNCC, cabe neste momento questionar como é possível trabalhar História Local. Observando a colocação de Monteiro *et. al* (2016, p.102) o interesse por História Local deve partir do professor e do aluno considerando que a localidade tem relação com as experiências dos mesmos. Baseado na relação social é que é possível encontrar uma “brecha” para trabalhar a História Local “(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.” (BNCC, 2015, p. 404). Em conformidade com o exposto é “preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas...” (BITTENCOURT, 2009, p.169).

Diante da diversidade cultural devido as regiões, os governos estaduais promoveram a partir da BNCC documentos que colocam em diálogo o ensino de História, permitindo uma adaptação ao texto já que na BNCC (2015, p. 396) a contextualização é fator fundamental para o conhecimento histórico, tal contextualização ocorre levando em consideração a comunidade em que a pessoa está inserida.

Em Goiás o Documento Curricular (DC-GO) realizado a partir da BNCC no ano de 2017 e publicado em 2018, não é possível encontrar no referido documento nem incentivo e nem restrições para o ensino da História Local, Pessoni (p.290) afirma que DC-GO permite que a aprendizagem de História seja adaptada para a realidade local, a autora citando a DC-GO (p.296) aponta a autonomia dada ao professor para o ensino de História, pois ele pode realizar as escolhas teóricas e dos processos de construção do conhecimento.

A certa “neutralidade” do DC-GO permite a hegemonia das elites empresariais brasileiras, uma educação voltada para a dominação elitista desconstrói a identidade da cultura popular e propõe que a história seja vista de forma linear. Pessoni (p. 300) conclui que a Prova Brasil e a estrutura complexa da BNCC e sua aplicação para o ensino de História são formas de padronização para

que de acordo com desenvolvimento da escola ela receba verbas federais, dificultando por tanto o ensino da História Local.

A autora citada expõe que mesmo com a padronização a BNCC não é capaz de engessar o ensino de História pois “o professor teria total autonomia para conduzir suas aulas do modo como achar melhor (PESSONI, 2021, p.300). Cabe ao professor trazer novos personagens como produtores do conhecimento e ser o intermediário entre o saber científico e os saberes dominados pelos alunos, construindo a partir da relação cotidiana aluno e professor a transformação do saber a ser ensinado em saber aprendido, “ação fundamental no processo de produção do conhecimento, conteúdos, métodos, e avaliação constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos” (BITTENCOURT, 2009, p.50).

Ao trabalhar a História local, atendendo a BNCC, espera-se que o estudante aprenda com a disciplina História a partir da valorização da memória “(EF02HI04) Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário” (BNCC, 2015, p. 407). Sendo assim, o indivíduo de acordo com Ferreira e Silveira (2020) passa a valorizar as particularidades e a diversidade do local, sendo necessário buscar essa memória, investigando a si próprio e o mundo que o cerca (escola, bairro e cidade), permitindo a compreensão do currículo a partir da contextualização, pois envolve características sociais e econômicas de cada local (FERREIRA; SILVEIRA, 2020).

Cabe ao professor de História promover, criar situações de troca, de estímulos na construção de relações entre o estudado e o vivido, utilizar outras fontes históricas como possibilidade de acesso dos alunos a novas informações, de confronto de opiniões, de apoio ao estudante na de suas explicações e de transformações de suas concepções históricas. Ademais, que os alunos se apropriem de um conhecimento histórico acerca de sua realidade local, na qual encontra-se inserido, é fundamental para sua compreensão de mundo (FERREIRA; SILVEIRA, 2020).

O ensino da História infelizmente trabalhado de forma generalizada na BNCC e reproduzido no DC-GO, limita o ensino da História Local, pois conforme o DC-GO a localidade abrange o contexto geral do Estado goiano, “ignorando” ou sendo trabalhando de forma generalizada a história municipal, que muitas vezes não possui registro ou foram perdidos com o passar dos anos, o que é o caso do

município onde a pesquisa foi trabalhada (PESSONI, 2021). A falta de um documento escrito para a utilização como fonte histórica utilizamos a História Oral e as fotografias como fonte de história.

O DC-GO apesar de também não especificar o ensino da História Local, para valorizar a identidade cultural e a formação local de seu cidadão, o texto produzido para orientar as escolas estaduais também foram adotados em sua integralidade pelas secretárias municipais de educação, uma vez que o documento também possui margem para adaptação e aplicação tendo por protagonista o professor. “Nessa perspectiva, o ensino de História (...) busca envolver os estudantes no seu contexto, para valorização de sua própria história, alargando progressivamente para história nacional e do mundo” (DC-GO, 2018, p.98).

Dessa forma pode-se compreender que o professor deve-se colocar como um agente de transformação no processo educacional, já que a História local se trata da realidade comum das pessoas e aparentemente desprovida de importância, trabalhada de acordo com critérios científicos tem finalidade de proporcionar ao estudante uma elaboração crítica em relação ao mundo que vive, suscitando transformações sociais.

Nesse sentido, a proposta de História aqui apresentada, pretende se distanciar da velha narrativa de um passado morto, sem significado para a maioria dos homens e mulheres do presente, porém busca constituir um novo olhar histórico, onde o objeto de estudo se torne dinâmico, problematizador e mais próximo do pesquisador, conseqüentemente, possibilitando uma verdadeira relação entre o passado e o presente, que proporcione aos estudantes a elaboração de uma concepção crítica acerca do mundo em que vive, capaz de suscitar possíveis transformações na sociedade em que estão inseridos (SILVA, 2013, p. 05).

A competência 1 das Competência Especificas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio da nova BNCC traz uma menção à história local.

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (BRASIL, 2018, p. 559)

O pensamento exposto acima aponta que a BNCC torna compreensível que a História local seja entendida como uma modalidade de estudos históricos que tem como contribuição para o ensino na construção de processos interpretativos sobre as formas que os atores sociais de uma localidade se constituíram historicamente, observado em seus modos de vida e em sua convivência social, compreendendo que os espaços são construídos socialmente e pensados e repensados a partir do poder político e econômico na sua forma estrutural, sejam bairros ou cidades (BARROS, 2013).

Nessa mesma direção, sobre a importância da História Local apontada por Barros (2013), Priori (1994), salienta sobre a importância do conceito de região ser atrelado ao conceito de História local, pois deve-se levar em consideração a construção histórica do local e da região, e o historiador deve ter como ponto de partida essa cultura que está ligada a ideia de espaço, de tempo e da História, pois ao entender o conceito de local e regional o historiador compreende o espaço social como um espaço construído historicamente.

Os espaços construídos historicamente vão sendo produzidos e assimilados por todas as classes sociais que o compõem, isso faz com que a História local vá além do currículo trabalhado, estreitando a distância entre História local e História do Brasil e geral, propondo uma heterogeneidade e revelando aos alunos o seu papel enquanto agentes históricos, colocando-os como sujeitos de sua cultura (STECA, 2004).

Diante disso, os alunos que irão ter contato com a História local em sala de aula devem compreender que o lugar é um espaço que é construído socialmente, podendo ser uma região, uma cidade, um bairro entre outros. Sendo que é a partir desse local que os alunos começaram a construir a sua identidade e se tornarem membros ativos da sociedade, pois nesse sentido irão buscar seus direitos com relação ao acesso aos bens culturais de sua comunidade, podendo ser bens materiais ou imateriais (BARROS, 2013).

Pois o aluno ao se identificar como sujeito da história a partir de sua História local contribuirá para a compreensão de que o local é o primeiro espaço onde o sujeito atua e é nesse sentido que o ensino deveria dar oportunidades para os sujeitos desenvolverem uma reflexão permanente sobre as ações dos que nesse local vivem como sujeitos históricos (BARROS, 2013).

No âmbito escolar poderia se justificar o uso da História local como pertinente pois levaria o aluno a desenvolver o pensamento de forma histórica, estabelecendo conexões entre os conhecimentos históricos e a sua aprendizagem que acontece na vida cotidiana, pois deve-se compreender que os alunos devem entender a necessidade de aprender História e com isso desenvolver a sua consciência histórica sobre fatos sejam locais, regionais ou em nível nacional e global (STECA, 2004).

Em sala de aula ao abordar História local o aluno passa a ter proximidade com os fatos, os acontecimentos e significados comunidade em questão. A proximidade torna as situações genéricas e elementares da vida cotidiana dos sujeitos relacionadas com a consciência histórica, permitindo ao aluno pensar historicamente sobre as realidades e na construção de sua identidade e pertença (RÜSEN, 2001).

Dessa forma para os alunos em sala de aula compreenderem a História geral, nacional e local, deve-se partir de uma premissa de refletir acerca da História local, pois dessa maneira a História seria mais produtiva no sentido de o aluno compreender e desenvolver uma visão sobre os fatos históricos do seu ponto de vista local e não de uma visão universal e alheia a sua realidade (SILVA, 2013).

A História local deveria em conformidade com BNCC, ser uma estratégia para buscar outras formas de abordar o ensino de História, pois com os fenômenos de globalização e homogeneização, somente uma História pautada no local poderia conferir um papel importante no sentido de conscientização e valorização do lugar de origem dos sujeitos e para integração social dos indivíduos (STECA, 2004).

Como proposta didático/pedagógica, a BNCC permite sistematizar uma relação com a aprendizagem histórica com a História local, mas devido a falta de documentos ou uma história escrita, realidade da maioria dos municípios brasileiros, cabe ao professor trabalhar a temática com tantos desafios já citados. De forma implícita a BNCC oferece margem para o trabalho com a História local, o documento propõe ao aluno “reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável” (BNCC, 2018, p.14).

O trabalho além de um acúmulo de informações torna-se gratificante, com possibilidades infinitas, permite apresentar e problematizar determinadas experiências e reconhecimentos relativos à história local, dialogando e

potencializando novas narrativas que estimulem reflexões sobre a identidade, pertencimento, ressignificação, preservação e memória (MAIA, *et al*, 2022).

Os estudos da História local no ensino de História têm contribuído muito para o fortalecimento dos vínculos entre a comunidade local. Ao dar voz aos antigos moradores, percebe-se um meio de valorizar aqueles que guardam a memória dos fatos ocorridos de interesse da comunidade local, e a partir dessa memória individual a construção e preservação da memória coletiva (FERREIRA; SILVEIRA, 2020).

A tarefa de perceber, (re) significar a cultura e a memória de uma determinada localidade é muito importante para que seus integrantes saibam e compreendam a história local – suas características, costumes, cultura – tarefa imprescindível para despertar um sentimento de continuidade, e papel é para além da família, é preciso que a escola, que os professores/historiadores tomem para si esta tarefa (BITTENCOURT, 2009).

1.2 O MUNICÍPIO DE TURVÂNIA COMO RECORTE PARA HISTÓRIA LOCAL



Fonte: arquivo pessoal

Situada a 90 quilômetros da Capital, Goiânia, a cidade de Turvânia, é cortada pela Rodovia GO-060 que liga a capital do Estado de Goiás à cidade Piranhas e a BR 158 que dá acesso à Barra do Garças- MT. Turvânia está localizada na Microrregião de Anicuns (IBGE-1989) fazendo limites com os municípios de Firminópolis, ao Oeste, São Luís de Montes Belos, Adelândia e Anicuns, ao Norte, Palmeiras de Goiás, ao Sul e Nazário, a Leste.

A formação do município está relacionada com o processo de ocupação de Goiás durante os séculos XVII e XVIII, desenvolvido lentamente, porém contínuo, a

empreitada tinha os objetivos de capturar indígenas para escraviza-los, formar propriedade privada da terra aos modos do colonizador e buscar pedras preciosas ou ouro. A ocupação do vasto território brasileiro foi um empreendimento além da ocupação um esforço mapeando para exercer controle sobre o espaço e as sociedades que viviam (SOUZA, 2016).

A história do município de Turvânia está relacionada com a forma de concessão de terras pela coroa portuguesa conhecida como sesmaria, especificamente com raízes históricas às “Sesmaria do Rio Claro”, a posse também era prática constante entre os goianos, que posteriormente juntaram-se à outras formas legais de aquisição da terra. Inicialmente em busca de ouro e outras pedras preciosas, logo foi consolidado a pecuária e a agricultura como forma de subsistência garantindo a permanência de parte da população (PALACIN; MORAES, 2008).

Turvânia começou como um povoado pertencente ao município de Anicuns, denominado Poções, situado nas proximidades de um córrego homônimo e nas imediações de um cemitério que já existia por ali, para atender à população das fazendas vizinhas, porque as estradas eram ruins e a locomoção era a cavalo ou em carro de boi, bem como, as cidades ou povoados mais próximos ficavam a uns 40 quilômetros, como Anicuns e São Sebastião do Alemão (Palmeiras de Goiás). Por volta dos anos de 1930, logo ali nas imediações surgiram, alguns ranchos e uma casa de adobe com uma venda para atender a povo que passava na região ou que vinham enterrar seus defuntos. Com o aumento de fluxo de viajantes que por ali passavam, o local tornou-se ponto de apoio de carreiros e boiadeiros (CABRAL, 2014).

Os dois nomes que o município recebe, primeiramente Poções e em seguida Turvânia, segue a tradição dos demais nomes dado aos municípios goianos, ora pela tradição católica ou por sentidos topônimos, os dois nomes fazem referência hidrográfica que a região possui, o município teve sua vida política autônoma após a emancipação em 1958, neste mesmo ano passou a ser chamado de Turvânia (CURADO, 2014).

A emancipação política do município rompeu com o coronelismo no município, característica tradicional dos municípios do interior goiano. Privilegiado por sua localidade, nos primórdios servindo de ponto de apoio as fazendas vizinhas, posteriormente com a abertura das estradas reais tornou-se ponto de pouso para os

carreiros. É importante destacar que para que ocorresse a emancipação as principais melhorias para causar certa impressão foram feitas, como: construção de uma nova igreja em frente para praça que hoje recebe o nome de “Praça do Sol” (PAIVA, 2006).

A educação e religiosidade sempre estiveram presentes no cotidiano dos moradores de Turvânia. Na educação os maiores avanços vieram após a emancipação, pois construíram um novo prédio denominado de “Grupo Escolar Almir Turisco de Araújo”, mais tarde chamado de “Herculino Gomes Arantes”, a construção do novo prédio representou um marco para a sociedade da época. Já a religiosidade, sempre estavam presentes em forma de: novenas, folias de reis, festa de São Gregório, festas de Nossa Senhora da Abadia e as festas de Bom Jesus da Lapa (CABRAL, 2014).

A localização estratégica do município permite que a cidade sirva de moradia para servidores de municípios mais próximos, ainda na atualidade preserva a herança de ponto de apoio para os diversos carregamentos que vão ou vem do estado de Mato Grosso, outro fator que chama a atenção é a economia da cidade que ainda possui raízes na agricultura e agropecuária (CURADO, 2013).

Nota-se que a História Local tem muita importância para a comunidade local, pois a mesma permitiu fixar, conhecer, valorizar e preservar os espaços ocupados. Ela permitiu ainda perceber a importância política e econômica da cidade para a própria população. O espaço de discussão e reflexão permitem que os acontecimentos sejam estudados dentro do ambiente escolar, aproximando o cotidiano e estabelecendo diálogo entre a cultura, tradição e construção do conhecimento histórico do sujeito (CURADO, 2013).

1.3 HISTÓRIA LOCAL ALÉM DE SUAS FRONTEIRAS E SUA INSERÇÃO NO CIBERESPAÇO

Com a modernidade e o avanço tecnológico e o surgimento da internet, sofreram alterações as relações sociais e, a educação. A vida humana está sendo profundamente mediada pela tecnologia. Criando dessa forma um novo espaço, o ciberespaço, que não é geográfico e pode ser compartilhado simultaneamente em diversos lugares ao mesmo tempo. Ele é criação humana, “onde por meio de conexões elétricas, ele consegue trazer a existência uma nova forma de comunicar, viver e existir” (PALFREY, 2011, p.203).

Esse espaço digital é o lugar onde não existem fronteiras e nem distâncias, podendo ser ele um local de acolhimento, transmissão e transformação da realidade humana conectada a todo instante. As informações hoje são acessíveis e popularizadas pelo espaço digital, que media as relações e também confere um novo sentido para a memória (LÉVY, 1999).

As memórias não são imóveis: são ativas e concebidas como atividades individuais e coletivas, podendo ser ligadas a um grupo de pessoas por afinidade ou por recordações ligadas, no que nos interessa, a contextos de histórias locais (HALBWACHS, 1990). O espaço digital modificou também a forma de estocagem dessas memórias, complexificando a partilha coletiva da memória cotidiana e informal, ou seja, construindo a História local, já que a mesma se constrói ao redor do indivíduo.

A nova dinâmica digital possibilita uma recuperação das experiências de diversos sujeitos históricos, em diferentes temporalidades e espaços, permitindo a contemplação de um conjunto de sentidos da História Local, fazendo novas escalas de reflexão histórica a partir desta. No mundo digital a construção coletiva da história é preservada pela criação de comunidades, unindo sob mesmo link ou perfil o grupo de interesse comum (LÉVY, 1999, p.47). Por isso que, partindo desse pressuposto e também do princípio da dinâmica dialógica promovida pelo ciberespaço, torna-se importante que a História Local também seja compartilhada neste espaço, em forma de conteúdo disciplinar ou preservação da memória local.

Os acontecimentos individuais partilhados através da memória coletiva, de acordo com Halbwachs (1990), o ciberespaço permitiu que a memória coletiva fosse construída ainda em maior velocidade através de outros acontecimentos e outros fatos que estão interligados pela localidade, favorecendo a História Local e sua construção.

1.3.1 Turvânia “on-line”: a História Local do município através das redes sociais

A palavra “on-line” se popularizou a partir da década de 1980 e significa estar conectado diretamente a um computador ou a outro dispositivo que esteja pronto para uso garantindo a conexão com internet. Tal aspecto configura as relações humanas na contemporaneidade: segundo Pierre Lévy, “(...) as novas tecnologias digitais- computadores, telefones celulares, Sidekicks- são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos” (LÉVY, 1999, p.125). O avanço

tecnológico, por sua vez, trouxe uma nova geração, os chamados “nativos digitais”. para quem não existe distinção entre viver a vida on-line e off-line

Devido ao exposto até o presente momento neste trabalho, podemos entender que é necessário utilizar tal recurso como ferramenta didática, como forma de aglutinar os registros das memórias individuais como as fotografias e outras imagens para resgatar a História local do município de Turvânia, aproximando e situando o sujeito histórico com a temporalidade. Dentre tantas fontes de História, a fotografia é uma das que foram fortemente influenciadas pelo ciberespaço, dada a primazia da circulação de imagens fotográficas nas redes sociais.

De tal modo, a nova possibilidade trazida pelo ciberespaço permite observar aspectos que podem ser trabalhadas didaticamente numa reflexão sobre a História da cidade de Turvânia, tais como modos de vida, hábitos, valores, religião, economia e política do município de em questão, construindo uma História local em rede.

A rede social escolhida para realizar o trabalho do produto final é o Instagram, constituindo-se em um espaço tanto de aprendizado para formação do sujeito histórico, quanto resultando na participação ativa, contribuindo com comentários críticos acerca do conteúdo postado e dando a possibilidade de os sujeitos rememorarem os fatos que fazem parte da História Local do município de Turvânia. Aprofunda-se aqui a ideia de rede já sugerida pela história da cidade, já que, em sua formação, Turvânia servia como ponto de apoio para os viajantes, entrelaçando a História Local com outros municípios, como Palmeiras de Goiás e Anicuns.

A História local de Turvânia na rede social, conforme registrada em fotografias, e com a potencialização de aproximação das redes, pode ampliar a construção da História Local do município. O ciberespaço existe em camadas, ou seja, compartilhando ao mesmo tempo diversos locais; a este, adiciona-se a imagem visual, que contribui para engendrar uma narrativa que se processa numa dada temporalidade, no caso, o passado.

Os conteúdos postados na referida rede social têm por base a História Local, compreendendo os seguintes eixos temáticos: família, trabalho, cultura e lugares. Apesar do cunho de construção da História local, é importante ressaltar que este projeto desenvolve também a afetividade, pois os registros postados estão carregados de emoções e elas são revividas quando o indivíduo realiza a rememoração através da fotografia, reafirmando sua identidade com raízes nas tradições locais. Com isso, o perfil no Instagram do município de Turvânia, contendo

sua história a partir da memória individual, permite a reafirmação da veracidade de uma evocação individual, pois “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (RICOUER, 2007, p. 107)

CAPÍTULO 2: A FOTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA RESSIGNIFICAR A MEMÓRIA DA HISTÓRIA LOCAL

2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA: A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

A comunidade local está carregada de contextos entrelaçados; por esse motivo, passado, presente e futuro parecem ter uma linha tênue de coerência carregada de significados e simbolismos. Neste sentido, os fatos ganham uma importância, pois eles constituem tanto a memória quanto a história, a relação de história e memória está nos fatos.

Eles se constituem a partir de fenômenos variados, o que nos possibilita afirmar que tudo o que se manifesta socialmente na vida de homens e mulheres ganha importância dupla, uma vez que os eventos alcançam importância particular e coletiva. São as mulheres e os homens quem cristalizam tais acontecimentos, transformando-os em memória e em fato histórico, dotando o presente de passado e de futuro (THOMPSON, 1990).

Neste sentido, a memória é um fenômeno construído de forma mais ou menos consciente ou inconscientemente, como resultado do trabalho de organização do indivíduo ou em sociedade. Sendo “(...) um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva (...)”, a memória “(...) é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução” (POLLACK, 1989, p. 204). O cotidiano e sua vivência dependem da memória.

Ao longo do século XX, a memória foi se afirmando no interior da historiografia como um problema teórico que permite articular de forma original as relações entre passado e presente. Ela permite entrecruzar os tempos sociais, situando as lembranças e rompendo com a dicotomia memória/tempo, reconstruindo a memória coletiva, arquivando as experiências vividas, então

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 426).

Pollak (1989), salienta que a memória é parte fundamental da História. O autor destaca que as memórias inaudíveis, com transmissões intactas, devem aproveitar a ocasião e invadir o espaço público, para romper a barreira do “não dito”. Como uma releitura da História a partir do ponto de vista dos vencidos, não para alimentar ciclos de ódio nem sedes de vingança, mas, para ser capaz de moldar uma cultura moral e política que impeça que atrocidades aconteçam novamente.

A memória permite que se trabalhe o saber histórico de forma integrada, na medida em que nossa vivência está entrelaçada à vida das pessoas ao nosso redor, e somos imensamente influenciados pelo discurso da sociedade que nos rodeia. Pensando o contexto escolar, por exemplo, torna-se significativo que os alunos saibam como sua vida está relacionada à vida de seus pais, de seus avôs e da sociedade de um modo geral.

Nesse sentido, a “memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p.471). Assumindo o papel primordial na abordagem da história local, garantindo a conservação de certas informações, permitindo aos sujeitos atualizarem impressões e informações do passado e tem como uma característica fundamental a de manter uma narrativa com uma função social.

Ela vai se constituindo como verdade histórica, como fonte de (re) significação, ao ser repassado para a próxima geração, a memória se adequa como evidência histórica, o “arrancar da memória sob o impulso conquistador e erradicador da história tem como que um efeito de revelação: a ruptura de um elo de identidade muito antigo, no fim daquilo que vivíamos como uma evidência: a adequação da história e da memória” (NORA, 1993, p. 08). Memória e história se opõem uma à outra, a memória significa a vida, em sua evolução permanente, aberta dialeticamente a lembrança e ao esquecimento, sendo carregada por grupos de indivíduos, sendo vulnerável a diversos usos e manipulações.

Enquanto a história é problemática e incompleta em sua reconstrução, a memória é um fenômeno tanto individual quanto coletivo atual, pertencendo tanto ao passado quanto ao presente, já história representa o passado e introduz dúvidas entre a memória e a história construída (NORA, 1993). A representatividade da história é em razão dela ser de produção da própria sociedade, sob esse aspecto ela

se torna um sistema simbólico, expresso na interação da linguagem, no tempo e no espaço (LE GOFF, 1990).

Um outro fator de caráter da memória é que ela está em curso, ou seja, ela tem capacidade de deslocamento do passado até o presente. Essa funcionalidade social se apresenta através de várias séries de pensamentos coletivos que estão emaranhados com os fatos, apesar de sua relação na construção histórica seja como fonte ou como forma de (re) significar, a memória ainda sim é independente, necessitando de um apoio por si só para se sustentar (HALBWACHS, 1990).

Individual ou coletiva, sua busca faz parte das atividades que são fundamentais para os indivíduos em sociedade (LE GOFF, 1990). Podendo ser entendida como recorte historiográfico em relação com a História local, pois está diretamente ligada ao espaço e ao tempo de vivência que está próximo dos alunos, que podem dessa maneira explorar as memórias que foram perpetuadas em forma de registro ou pela oralidade.

As informações que vão se perdendo com tempo deixam rastros, fragmentos, conforme os cenários vão se desmanchando ou conforme o passado vai sendo esquecido ou silenciado após a morte dos que vivenciaram os fatos coletivos de uma cidade. Porém, cabe sublinhar que o sentido social da memória é adquirido para além da preservação de uma lembrança, na medida em que ela está carregada de afetividade e de significados, dando a oportunidade de “eternizar” os acontecimentos de uma comunidade local a partir das experiências do presente.

O município de Turvânia, local de pesquisa deste trabalho, é exemplo de que história e memória vão se perdendo, naturalmente com o desaparecimento de pessoas que seriam efetivas “guardiãs da memória”, ou de cenários e documentos que vão sendo perdidos. Então é importante aproveitar os fragmentos que ainda existem, para dar vida à história, bem como dar um novo significado à essas memórias.

Por fim, deve-se salientar, conforme aponta Barros (2013), que é uma reconstrução a partir de evidências balizadas no momento da escrita da História e, por isso, não estando presa ao passado. Nesse sentido, pensando no ambiente educacional pode-se compreender que a história local pode ser um recurso para os alunos desenvolverem um pensamento histórico a partir de suas práticas cotidianas. Dentre os fatores que permitem sua relevância é importante destacar a forma de registro, ou forma de evocar tanto a história quanto memória; por esse motivo, a

fotografia é extremamente importante como elemento fundante de registro e de preservação da memória.

2.2 FOTOGRAFIA COMO FONTE DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

2.2.1 Fotografia como fonte de memória

No armazenamento das informações estão envolvidas as questões relacionadas ao tempo e com o passar do mesmo as informações vão se desfazendo por isso “cristalizar” a memória tornou-se imprescindível para se ter acesso ao passado e para a construção da História. Os acontecimentos dos quais se tem acesso por meio da memória sempre teve seu armazenamento em forma de registro, sejam quais forem, permitindo o desenvolvimento de uma cultura de preservação da mesma, guardando a memória coletiva possibilitando até mesmo outras apropriações e adaptações culturais (POLLACK, 1989).

A rememoração do passado é realizada pela pessoa a partir do acesso às memórias e das suas formas de registro. Logo, ela é dinâmica: pois, ainda que ancorada no passado, ela fornece significados estando em movimento quando em contato com a pessoa no presente.

Dito isso, pode-se retomar Le Goff (2003, p.419), que afirma que a memória:

(...) é o fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também a vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência de escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documentos/ monumentos; que escreve a história e acumula objetos.

Nesse sentido a memória tem a finalidade de reconstruir e definir a História em mudança dos próprios indivíduos. Ela se torna uma forma de processar informações, onde se pode obter acesso a esses acontecimentos em qualquer momento da vida.

A recordação, dessa maneira, é um processo vivido que cada indivíduo adquire através do tempo. Ela tem o potencial de constituir uma espécie de patrimônio individual, que pode vir a ser repassado para outras gerações em forma de registro. É nesse sentido que podemos pensar a fotografia como um fator importante para as recordações, uma vez que as fotografias funcionam como uma

espécie de registro da memória social, eternizando momentos, pessoas e locais que não existem mais. A fotografia é, segundo Kossoy, um “instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística” (KOSSOY, 2001, p.25). Afinal de contas, toda fotografia se relaciona com o passado, independente da época ou do tempo transcorrido, pois esse momento vivido não voltará, ficará apenas registrado na memória ou em forma impressa para a posteridade.

Pensando um pouco sobre sua importância histórica – afinal, conforme sublinha Kossoy (2001), não se pode avaliar a importância da imagem fotográfica no se o indivíduo não consegue compreender o seu contexto histórico – vale destacar que, desde a Segunda Revolução Industrial, a fotografia possibilita um novo meio de conhecimento de mundo. A fotografia começou a ganhar popularidade a partir das décadas de 1930 e 1940, com os avanços das máquinas fotográficas portáteis, que permitiram uma fixação rápida e instantânea de momentos cotidianos.

Se “o mundo se tornou de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia” (KOSSOY, 2001, p.26), mais recentemente essa possibilidade de difusão massiva de imagens fotográficas ganhou ainda mais força a partir do advento e da popularização da internet. Aliada ao avanço tecnológico contemporâneo, a fotografia possibilitou o avanço e o alcance das informações através da internet; por meio das redes sociais, uma “janela” está aberta para que, de um ponto fixo, o indivíduo possa obter múltiplos olhares sobre o mundo, compartilhando e vivenciando contextos que podem estar entrelaçados com sua história particular e familiar.

Mas, também se torna importante ressaltar que a fotografia tem importância para quem está fazendo parte dela naquele momento, mesmo que os sentidos que estão presentes na fotografia podem vir a ser relevantes para outras pessoas.

Ao longo do século XX, a fotografia contribuiu para difusão pública e massiva de memória pois, conforme, Samain, “estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de lembrar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos.” (SAMAIN, 1998, p.22).

Sua importância se deve ao fato de que a “imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final” (KOSSOY, 2001, p.37). Em outras palavras a imagem fotográfica é o registro que serve de testemunha aos ausentes

na cena, porém carregada de emoções e contextos que estão entrelaçados pelos atores da cena fotografada.

Nesse sentido Samain (1998, p.45) salienta que:

O aparente da vida registrado na imagem fotográfica pode assim, de quando em quando, deixar de ser unicamente a referência e reassumir a sua condição anterior de existência. O princípio de uma viagem no tempo em que a história particular de cada um é restaurada e revivida na solidão da mente e dos sentimentos. São em geral viagens de curta duração e de marcada emoção; muitas vezes, nos flagramos nessas viagens imaginárias.

O registro da cena por meio da imagem fotográfica permite que o momento seja revivido como resultado da relação entre passado e presente que a imagem fotográfica possui, contribuindo para uma ressignificação das relações entre as gerações. Configura-se uma ilusão de presença; conforme sugere Samain, trata-se de “uma espécie de alucinação na qual a foto adquire vida...” (SAMAIN, 1998, p.45),

2.2.2 Fotografia como fonte da História

A sociedade sempre teve interesse em registrar seus acontecimentos de maior interesse, seja qual forma de registro, a humanidade deixou seus rastros através de pinturas rupestres ou escrita conforme o continente e região. Os registros são fontes em que possam ser extraídos a história, costume e cultura de uma sociedade. A fotografia também se constitui em forma de registro e pode ser explorada por todas as ciências sociais com objetivo de compreender o interior da vida social e da tradição de determinado local (MENESES, 2003).

Apesar de vivermos numa sociedade bombardeada por imagens a todo momento, cercados informações visuais de diferentes categorias, ainda há um certo aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber. Ainda predomina entre nós a herança livresca, resultando, não raro, na resistência de parte da historiografia em aceitar, analisar e interpretar informações visuais, fora dos cânones tradicionais das comunicações escritas. Não se trata de reduzir o valor do documento escrito; antes, um desafio maior, em acrescentar novas possibilidades e abordagens de conhecimento de outras dimensões da vivência dos atores sociais por intermédio das fotografias. A supervalorização de documentos escritos como fonte histórica possui raiz no eurocentrismo. A primazia

do documento escrito perdurou até as primeiras décadas do século XX, quando historiadores da escola dos Annales, como Lucien Febvre e Marc Bloch insistiram na necessidade de ampliar o escopo de atuação do historiador em relação aos documentos históricos. Dessa forma, podemos entender que a falta de registros escritos não devia significar a ausência da possibilidade da escrita da História, de modo que tudo que está relacionado ao ser humano pode ser utilizado como fonte de História.

Segundo Kossoy (2001, p.32):

A observação de Marc Bloch é decisiva: O passado é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”. É nessa perspectiva que entendemos ser o estudo das imagens uma necessidade um caminho a mais para a elucidação do passado humano nos seus últimos cento e sessenta anos.

Para Meneses (2003), a historiografia tem se dedicado ao exame das relações estabelecidas entre a disciplina de História e as imagens. A importância mais efetiva dada às fontes visuais data da década de 1960. A partir daqui fundamenta-se os primeiros passos em torno da noção de que as imagens são consideradas documentos e objetos legítimos de investigação acadêmica. Afirma-se a necessidade de assumir-se que as fontes históricas se constituem a partir do binômio documento/monumento (LE GOFF, 1990).

Refletir sobre a imagem é uma oportunidade para romper com mitos relacionados aos trabalhos historiográficos utilizando a fotografia. Esse fato é devido à capacidade da cena fotografada poder ser alterada para induzir uma ideia ou posicionamento público, deixando a cargo do fotógrafo arrumar a cena antes de ser fotografada. Ele é o agente que pode escolher a composição da cena, colocando a imagem para agir relacionada tanto com os textos que podem ser utilizados ou com outros propósitos, permitindo à terceiros uma análise crítica das imagens (BURKE. 2001).

Não obstante a subjetividade que lhe é inerente, a imagem fotográfica ainda pode ser utilizada como fonte de documentos históricos. Pois a interpretação da fotografia deve ser feita tendo em vista o conhecimento da realidade representada; desconhecer essa realidade histórica tende a levar a múltiplos equívocos e, por isso,

a importância de uma intertextualidade estabelecendo diálogo entre as fontes iconográficas, verbais, orais e literárias, que permitem interagir com outras visões, outras linguagens, outros discursos sobre um mesmo objeto histórico. Somente assim é possível conduzir a análise dos textos e imagens encontrados na interferência do fotógrafo na cena que acontece desde a invenção da fotografia. Isso ocorre no momento da escolha estética, técnica ou ideológica da reprodução da imagem, ou seja, na sua composição (SONTAG, 1986).

Assim, ao lado de outras fontes audiovisuais, como o cinema e o rádio, a fotografia contribuiu para que a noção de documento histórico fosse ampliada e alargada para além do registro escrito

Sendo assim, a partir das fotografias deve-se desenvolver uma análise crítica e reflexiva no sentido de situar os interesses que estão direcionando a produção, a circulação e a recepção das imagens. Deste circuito, desvela-se o significado das narrativas que emergem da narrativa visual (KOSSOY, 2001).

Mas, é importante destacar que, não obstante a fotografia ter superado o estatuto de mero instrumento ilustrativo das pesquisas empregadas na História, ainda é necessário reforçar que a fotografia não deve apenas servir apenas para ilustrar um texto escrito. Ela deve ser usada como fonte de pesquisa, haja vista que os elementos que a compõem são recortes de um contexto social. Isso permitirá ao historiador ampliar e diversificar diferentes interpretações para a história social, ao se levar em conta o produtor da foto, as pessoas retratadas e a intencionalidade dessa representação. De modos que é necessário um olhar para além do que é imediatamente visível, para conseguir extrair, o que não foi visto, num primeiro momento.

Tal aspecto gerou, por muito tempo, uma resistência ao estudo acadêmico assumindo a imagem como objeto, conforme bem detectou Meneses:

Mas se agora examinarmos a produção acadêmica, tal como constante de atas de encontros de historiadores, concluiremos igualmente — feitas as exceções de praxe para uma dúzia de trabalhos substantivamente relevantes — pela diversidade estéril, pelo desconhecimento do que se fazia em áreas vizinhas, pelo entendimento superficial e teoricamente insuficiente da natureza do visual e, por consequência, do iconográfico, e assim por diante. Mas se ainda nos debruçarmos sobre manuais de História ou obras que procuram apresentar balanços da disciplina ou ramos dela, concluiremos também pelo não-reconhecimento da cidadania plena, no fortim da História, seja da fonte visual, seja da problemática

visual. O silêncio total predomina. Mas quando há referência, é mínima ou pouco relevante: nos três volumes do que já foi considerado um manifesto da História Nova, capitaneados por Jacques Le Goff e Pierre Nora, não se encontram entre os novos problemas, novos objetos e novas abordagens mais que um capítulo dedicado ao “filme” e outro à “arte”: o sintoma não deixa dúvidas. Melhor seria, às vezes, o silêncio total. Os capítulos reservados aos “documentos iconográficos” na História Social, ou às “fontes audiovisuais” na História Cultural, respectivamente em *Sources et méthodes en Histoire Sociale* e *Pour une Histoire Culturelle* são de uma superficialidade constrangedora. O mesmo se diga, para citar prata da casa, de *História & imagens* em que, apesar da largueza de intenções, ao procurar inserir as imagens na História Cultural, a preocupação exclusiva do autor com temas exclui o específico: a visualidade; suas leituras, por isso, quase sempre pouco fazem mais que corroborar o que outras referências já permitiam concluir (MENESES, 2003, p. 20).

Logo, cabe superar o fato de que:

...a História continua a privilegiar ainda hoje, a despeito da ocorrência de casos em contrário, a função da imagem com a qual ela penetrou suas fronteiras no final do século atrasado. É o uso como ilustração. Certamente, de início, a ilustração agia com direção fortemente ideológica, mas não é menos considerável seu peso negativo, quando o papel que ela desempenha é o de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando afetivamente aquilo que de fato contaria. Caso “criar clima” tiver que ser a função única ou primordial da imagem, para o historiador, é melhor alocá-la de vez numa História meteorológica (MENESES, 2003, p. 20-21).

O estudo da imagem e da fotografia é plausível através de uma abordagem crítica e da desnaturalização dessa imagem como fonte de representação da “expressão da verdade”, do real, mas como algo produzido dentro de um contexto histórico, com intencionalidades, omissões e manipulações diversas.

A fotografia é uma representação visual que pereniza um momento histórico, carregado de diversos elementos, alocado em um determinado espaço e tempo. Logo, a análise histórica tem na noção de espaço uma chave de leitura, visto que a fotografia é um recorte espacial de espaços de vivência, comportamentos ou representações sociais, o que torna tão importante a articulação entre fotografia e história local – e, em nosso caso, a relação entre memória e cotidiano da cidade de Turvânia. É por meio desta operação fotográfica que o passado se torna presente:

Do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa no tempo, colocando, por conseguinte, um novo problema ao historiador, que além de lidar com a competência acima referidas, na situação de um leitor de imagens do passado. Retornamos nesse ponto, a pergunta anterior: como olhar através das imagens? [...]. As imagens são históricas, que dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto histórico que as reproduziram e das diferentes visões de mundo que concorrem ao jogo das relações sociais (MAUAD, 1996, p. 10).

A fotografia tornou-se um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado num instante, congelado. Enquanto representações, as imagens fotográficas aguardam um leitor para decifrá-las, bem como, estudar o significado e o conteúdo cultural da imagem.

O que fica claro até aqui é o caráter polissêmico da imagem fotográfica, o que demanda uma atenção especial por parte do estudioso interessado em analisá-la historicamente. Seu estudo deve levar em conta a subjetividade, as informações que precedem o contexto da cena fotografada e a carga de afetividade e envolvimento que a pessoa possui com a cena. Por isso não se pode afirmar que a imagem será sempre lida da mesma forma por todos que estão analisando ou vendo a cena, afinal de contas, “o receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural.” (KOSSOY, 2001, p.115).

Dessa maneira para que a amplitude de possibilidades da fotografia como documento histórico acabe não se tornando um empecilho para o historiador, deve-se ter um bom conhecimento da base técnica e uma base de criação artística, para com isso conseguir decifrar a mensagem visual que é uma tarefa sem fim “que pode ser iniciada pelo conteúdo manifesto, uma unanimidade de compreensão, mas precisa levar em conta o conteúdo latente e as interpretações possíveis” (LEITE, 1996, p.83).

Para Sônego (2010, p. 116) a fotografia:

...desde a sua invenção, está associada à ideia de realidade, de comprovação do real, prova de que os fatos captados e fixados no instantâneo aconteceram e da maneira como ali estão, um documento, portanto, de prova incontestável. Contudo, sabe-se que uma fotografia não representa a total veracidade dos fatos e uma

visão neutra da realidade, devido, justamente, à interferência subjetiva de quem registra os acontecimentos, à interferência do olhar do fotógrafo, que, mesmo se detendo na ação que se desenrola à sua frente, ou seja, o objeto a ser fotografado, a posição em que irar fotografar ou ângulo escolhido, interferirá no resultado da imagem e em seu sentido.

A fotografia tem sua motivação no desejo do sujeito de congelar em forma de imagem o aspecto de um contexto e de um dado real, em determinado lugar e época dessa maneira o fotógrafo desempenha um filtro cultural, “o homem, o tema e a técnica específica (esta, por mais avançada que seja) são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens de qualquer espécie.” (KOSSOY, 2001, p.42)

Sobre a análise das fotografias, Leite (2001, p.16), salienta que:

Após uma leitura superficial do conteúdo a fotografia se tornava opaca e silenciosa. Somente uma pesquisa de forma e conteúdo, uma desconstrução de seus elementos e um estudo das imagens mentais que sugere consegue desvendar globalmente os níveis da comunicação, admitindo uma contextualização do texto fotográfico. O fotógrafo, os fotografados, os recursos técnicos com que contavam e principalmente o interesse do observador, dos colecionadores ou do leitor da fotografia precisam ser delineados, cruzados e encaixados para dar conta dos diferentes níveis de sentido das fotografias já feitas.

O uso das imagens fotográficas como documento em pesquisas, portanto, tornou-se ponto pacífico para a historiografia contemporânea, apesar das resistências. As fotografias de família, as imagens sociais que falam das cidades e de seus espaços físicos, os costumes de épocas passadas que são de interesse dos pesquisadores, os móveis, as roupas, os tipos de moradia e as estruturas políticas, integram uma história visual que pode ser narrada através da fotografia.

Nesse sentido salienta-se, de forma complementar que, para o uso da fotografia no âmbito da História, é necessário atentar para o fato de que:

As imagens fotográficas, assim como as literárias e sonoras, propõem uma hermenêutica sobre as práticas sociais e suas representações. Funcionam como sinais de orientação, como linguagens. Quando utilizadas com fins compreensivos e explicativos, elas demandam não apenas o emprego de metodologias afinadas com seus estilos cognitivos, que ajudam a ler e interpretar suas ambiguidades e seus silêncios, como também o cruzamento com outros tipos de documentos Borges (2003, p.72).

As fotografias têm o potencial de permitir o conhecimento de aspectos significativos relacionados à memória coletiva, indo muito além de meras descrições. Em estudo mais aprofundados sobre as fotografias, podem-se analisar alguns detalhes tangíveis representados nas fotografias, ou seja, as comunicações não-verbais, como o sentido do olhar dos retratados, os sentimentos, os sistemas de atitudes e também algumas mensagens de expressões corporais, faciais e movimentos, a maneira como as pessoas se posicionam no espaço fotográfico, que pode expressar as relações de poder no grupo ou na família (BORGES, 2003).

Diante do exposto, deve-se compreender que a fotografia não deve ser utilizada apenas como ilustração do texto escrito, para reforçá-lo, pois apresenta informações e mensagens que, sistematizadas, podem oferecer subsídios para a construção do conhecimento. Assim, a fotografia pode ser usada como fonte histórica se a tomarmos como um fragmento de realidade, um aspecto do passado, em que a decisão de registro e de fixação de um certo dado foi uma opção do autor. É o que faremos aqui, ao tratar das fotografias relacionadas à cidade de Turvânia. Dessa forma, é necessário levantar os diversos aspectos contidos na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos subjacentes e os motivos para seu registro. O saber como, por que é para que algumas imagens foram construídas pode alterar todo o seu sentido.

2.2 FOTOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE (OUTRAS) LEITURAS DA HISTÓRIA LOCAL

A leitura é parte fundamental para a humanidade. Quando se trata de leitura, o primeiro pensamento que se tem é a leitura do texto verbal escrito. No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental fazem referência de como o educador pode intermediar a aprendizagem textual e não assumem o texto imagético como uma possibilidade de leitura (BRASIL, 2018). Porém a imagem serve aos propósitos da comunicação e informação: ela atua sobre conceitos e valores pessoais e sociais, culturais e históricos, a imagem pode ser considerada uma das primeiras formas de linguagem, já que a humanidade utilizou da arte primordialmente para estabelecer sua interpretação e comunicação do mundo (MAZZAROLO, 2012).

A imagem enquanto como texto possui em seu discurso a capacidade por meio da imagem contar uma história e identificar o *ethos* de uma sociedade. Ela

possui certa versatilidade de utilização e também possibilidades originais de leituras da realidade. A imagem, portanto, não pode ser descartada como possibilidade de discurso, já que “a imagem se faz cada vez mais presente na vida social” (BATISTA; MONASTIRKY, 2014, p. 16). Torna-se sugestivo aqui refletir a partir da expressão americana *visual literacy*, para desenvolver a ideia de letramento visual ou alfabetização visual e expandir o conceito de leitura, anteriormente exclusivo a elementos verbais (SANTAELLA, 2012).

A linguagem imagética possui um código. Logo, torna-se possível afirmar que também possui um signo, um significante e um significado. De certa forma, pois, a imagem se constitui numa espécie de texto, já que ela transmite uma informação. O que caracteriza a imagem como informação é que ela pode ser “registrada e estocada tendo em vista uma utilidade que lhe foi atribuída e que, por isso, deve ser disponibilizada” (MANINI, 2002, p. 34). Este caráter específico da imagem reforça a vinculação documental da fotografia e sua relevância para a pesquisa histórica.

O tempo eternizado através da fotografia ganhou uma dimensão maior e ainda mais próxima do cotidiano das pessoas com fotografia digital. Não se trata somente de uma representação de imagem, mas sim de um discurso invisível das relações espaciais que se materializam. Ela carrega em si uma carga de dramaticidade e tem finalidade de gerar identificação e reconhecimento, uma vez que é documento e patrimônio cultural, ou seja, também é registro, seja como forma de documento ou como arquivo pessoal (BRANDÃO, 2013).

2.2.1 Análises imagéticas e a sua utilização para o estudo da História local

Cabe neste momento questionar de que forma ocorre a aplicabilidade da iconografia e iconologia, embora o objetivo não seja aprofundar no processo e nem o descrever, mas entender como é aplicado é importante para o trabalho realizado. A leitura fotográfica é realizada, de um modo geral por todos, independente se é um profissional da informação, pois dado ao advento da fotografia digital permitido pela facilidade e acessibilidade dos novos equipamentos tecnológicos popularizou a imagem deixando a cargo do usuário realizar a leitura diretamente da imagem sem a mediação de um profissional da informação (BARRETO, 2020).

A fotografia como texto imagético pode ser aplicado à iconografia e iconologia, apesar de serem do ramo da História da Arte e inicialmente utilizada para realizar leitura de obras de arte contidas em telas, a fotografia também se constitui

em imagem, Manini (2002, p. 51) citando Panofsky (1991) a partir dos seus estudos estabeleceu três níveis para análises da mensagem e o significado de obras de arte, sendo eles:

O nível Pré-iconográfico [...] permite a enumeração dos motivos artísticos do mundo das formas puras, portadoras de significados primários ou naturais [...] a análise pré-iconográfica de uma fotografia conduziria à descrição dos elementos constitutivos da imagem, o referente da imagem. [...]

O nível iconográfico, é o lugar em que se liga o motivo artístico a assuntos específicos e conceitos manifesto. Este nível de análise depende diretamente do anterior, já que o reconhecimento de assuntos e conceitos pressupõe que se tenha identificado corretamente [...] a análise iconográfica de uma imagem fotográfica remete ao reconhecimento de um significado atribuível ao referente (ou motivo fotografado). [...]

O nível iconológico é o lugar dos valores simbólicos, pois remete a significados intrínsecos ou conteúdos somente detectáveis e/ou observáveis cultural, social, filosófica ou ideológica. (MANINI, 202, p. 51-52)

Os dois primeiros níveis descritos tratam de um processo de descrição objetiva, conforme o que está sendo representado pela imagem, enquanto o último nível é a interpretação realizada, atribuindo novos significados e rememorando as emoções que estão presente nas imagens. Tomando como base teórica do que foi exposto e dentre as fotografias cedidas pelas famílias que compõem o município de Turvânia, sugere-se a aplicação da iconografia e iconologia para a leitura de uma imagem fotográfica:



Fonte: arquivo pessoal da família Gomes Arantes

As imagens acima digitalizadas e armazenadas no produto final deste trabalho (Instagram @memoriaehistoriadeturvania), dos aspectos iconográficos as fotografias contêm pessoas (crianças, adultos), de uma mesma família em diferentes momentos. As cenas registradas em forma de fotografia apresentam cenários diferentes, em cada cena as vestimentas são diferentes e condizentes com a época (final do século XIX), apesar de não possuir data as fotografias. Do aspecto iconológico, por se tratar da interpretação direta do usuário, podem ser observado os possíveis aspectos emocionais que as cenas retratam: algumas com expressões faciais visíveis e outras interpretadas conforme a cena apresenta a vestimenta, ao usuário fazer tais interpretações ocorre a resignificação da história do município de Turvânia.

A análise iconográfica é definida como “estudo das características estéticas das imagens, que busca o detalhamento sistemático e a realização de um inventário dos elementos formativos da imagem” (KOSSOY, 2018, p. 109). Neste tipo de análise, busca-se situar a imagem no tempo e no espaço, o que é de importante nessa análise é o caminho percorrido pela imagem:

Essa trajetória pode ser entendida como o olhar à gênese da imagem, ou seja, a busca pela contextualização do momento e a motivação para sua produção, quem são as pessoas retratadas, quem supostamente possa ter sido o fotógrafo, entre outras “pistas” indiciárias para a leitura da fotografia. (MATOS, SIMIONI, 2021, p.99)

A imagem seja ela qual for, possui laços complexos de sentidos devido à materialidade, e requer tal tipo de análise devido à relação discurso e imagem serem de outra natureza. Logo, a iconografia se torna importante e também utilizada para além de método de pesquisa, ela é “uma forma de linguagem para representar determinado objeto por meio de registro histórico” (JOLY, 1996, p. 18). Essa forma de análise se justifica dado à utilização de imagem pela humanidade como forma de discurso, antes mesmo do surgimento da escrita; na atualidade não é diferente, a humanidade está cercada por ícones e imagens, sejam quais sejam essas imagens.

Trazendo para o contexto do ensino de História local, a iconografia fornece ao aluno as possibilidades de realizar a análise de fotografias locais contendo informações sobre a história do município de diversas épocas. O aluno proficiente em leitura de imagem entenderá que a fotografia é um fragmento descontínuo do passado,

Esse processo, tão complexo quanto o da leitura da palavra, exige que se vá além do simples reconhecimento dos elementos que constituem a imagem. A decodificação pode ser o primeiro passo para, posteriormente, se chegar a uma análise mais aprofundada com vistas à construção de sentidos. É na escola que esse esforço precisa ser feito por meio da mediação do professor, do mesmo modo que se faz em relação ao letramento verbal (MATOS; SIMIONI, 2021, p. 110)

Como exposto, o processo de aprendizagem é complexo; trata-se de um processo lento. Porém, desenvolver o alfabetismo visual é vital na atualidade, já que faz parte do cotidiano e, no caso da fotografia, as novas tecnologias digitais intensificaram a nossa relação cotidiana com o universo das imagens fotográficas (DONDIS, 2015). Dessa forma, a alfabetização visual auxilia no processo de ensino de História local, na medida em que os diferentes contextos analisados a partir das fotografias dos pioneiros de municípios, de locais importantes para a sociedade e do registro de tradições contribuem para uma presentificação do passado da localidade, para a ressignificação da cultura local a partir da escola e para novos sentidos à sua identidade cultural

Já o termo iconologia é estratégico. Oriundo do universo da História da Arte, ele possibilita recentrar a discussão ao oferecer uma perspectiva histórica e crítica fundamentada aos estudos sobre as imagens artísticas, e não a restringi-las somente às teorias da comunicação. A interpretação iconológica é uma leitura mais profunda da imagem, na medida em que é capaz de construir os sentidos oferecidos pelo texto imagético, levando em consideração o contexto social, as particularidades históricas e culturais referentes ao registro (MATOS; SIMIONI, 2021).

A iconologia tem teor abrangente e por essa razão ela resulta em um discurso no qual o indivíduo fala das imagens pesquisadas em seu sentido mais global no que diz respeito à cultura, à época em que a fotografia ou imagem foi produzida. Ela fala também de como se insere em um dado contexto artístico, constituindo-se em certa maneira seu recorte histórico a partir daí. A iconologia seria, portanto, o nível de interpretação da iconografia (MATOS; SIMIONI, 2021).

Para a História local, a interpretação iconológica amplia a leitura sobre o mundo do indivíduo, pois as imagens são portadoras de informações e, como também apresentam seus limites, não podem ser interpretadas somente como ilustrações, como já vimos. Torna-se fundamental observar tal tipo de interpretação

para, por intermédio de uma leitura do material visual, o campo imagético possa ampliar e complexificar sua interpretação sobre a realidade (CECATO; MAGALHÃES JÚNIOR, 2006).

2.3 A CULTURA VISUAL, MUNDO DIGITAL E ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS PARA O INSTAGRAM.

Cultura é uma produção humana e imprevisível, ela expressa as particularidades e os costumes de cada época. Através de suas expressões é possível conhecer e entender as relações sociais e por fim o comportamento humano. Ao longo da história a imagem, antes presentes nas paredes de cavernas passou a tomar forma tridimensionais através das esculturas e construções com finalidade de engrandecimentos de impérios.

Presente em todos os lugares, dentre as formas de expressões culturais está a imagem amplamente usada desde as primeiras civilizações e apesar da palavra escrita quando fixada não usurpou o lugar e nem a importância das imagens. A importância de sua utilização se dá ao fato de conseguir ser compreendida por todas as camadas sociais, pois de acordo com Knauss (2006) elas estão ao alcance da visão do indivíduo, se tratando de sua utilização no campo da história, de acordo com o autor já citado na contemporaneidade contribuiu para construção de um novo objeto de investigação a cultura visual, utilizado pela história da Arte e popularizado através de sua utilização pela indústria cinematográfica, tornando a imagem e texto escrito ainda mais presente no cotidiano.

A cultura visual contribui para visualização da história e a contextualização do que está sendo visto, haja vista que a utilização das imagens na contemporaneidade a tornou objeto inseparável de seu contexto histórico-social. Potencializada pela tecnologia a imagem anteriormente vista e agora visualizada em diferentes veículos de comunicação e diversos tipos de utilização aponta de acordo com Charles Monteiro (2013) que ocidente vive a centralidade do visual e da visualização como resultado da utilização de imagem pelos espaços digitais, pois tais espaços fazem utilização massiva das imagens, talvez seja fruto do imediatismo da pós-modernidade.

A experiência humana é profundamente afetada pela imagem desde os primórdios da sociedade, conforme discutido exaustivamente até aqui. Neste sentido, a cultura visual busca uma relação entre o sujeito e imagem produzindo

significados e sentidos, além do que a imagem se propõe a discutir no campo das relações sociais, identidade, fenômenos sociais e suas representações (MARTINS, 2006).

O ponto de partida deste trabalho são as fotografias de diferentes épocas do município de Turvânia. A partir delas, busca-se explorar como a “cultura visual possibilita experiências subjetivas e novas formas de pensar, perceber, sentir e construir conhecimentos através das imagens que permeiam o cotidiano” (BRUM, 2017, p. 81). É importante ressaltar que o cotidiano, apesar de ter contexto individual, é também de ordem coletiva, permitindo que diferentes agentes presentes no município sejam construtores da História Local. Por isso o trabalho tem por finalidade o produto final um espaço que forneça condições para a construção ampliada de um olhar sobre a cidade, através da rede social Instagram.

A rede social escolhida como aglutinadora das fotografias permite que as imagens sirvam para construir as relações sociais, independente de qual for o contexto. Neste aspecto, o Instagram criado como produto final desta dissertação é veículo, já as imagens são fontes para experiências e inter-relações e os afetos que se tem entre as imagens relacionadas, ajudando a construir a posição como sujeitos no mundo, mas também agente cuja visualidade intrínseca permitirá construir um olhar compartilhado sobre o passado de Turvânia.

Cultura visual, fotografia e Instagram estão na mesma trama da experiência que a visualidade promove, pois todas elas precisam do sujeito como construtor, os “pontos” abertos pela experiência do sujeito vai sendo amarrado através da construção da História Local, surgindo uma nova concepção de mundo e saberes a partir do conhecimento compartilhado dentro do produto deste trabalho (SANTOS, 2006).

O novo espaço das relações, chamado por parte da bibliografia como “ciberespaço”, possui uma linguagem própria e funcional, sendo ela híbrida e a cada dia mais iconográfica. Ela já foi definida por Naiade Caparelli e Marcos Nicolau (2017) como cibericonografia, surgindo do meio da tecnologia digital. A evolução da linguagem digital é fruto da sua facilidade de produção e propagação de acordo com os autores já citados, “a digitalização [...] permitiu que mensagens pudessem ser sintetizadas, guardadas, resgatadas e manipuladas a partir de qualquer lugar e em qualquer época” (CAPARELLI; NICOLAU, 2017, p.2).

As imagens digitais como forma de linguagem é um aspecto fundante e propagador de uma cultura. Isso se deve ao fato de que a própria linguagem da imagem digital não tem necessidade de obedecer às regras gramaticais, a elas é atribuído apenas a característica funcional, simplificando a interação da tecnologia e a pessoa. Chegamos a um ponto no contexto social que cada vez mais a comunicação se dá por imagens, basta olharmos para os *emoticons* e sua utilização, usamos imagens para descrever nosso estado emocional.

Neste caso, as imagens fotográficas utilizadas no ciberespaço expressam informações e comunicação de fatos e do contexto que elas foram produzidas sua importância é devido ao fato de ser a “imagens facilmente identificadas, que ganham formatos e cores, muitas vezes, como dissemos, estereotipados. Suas representações são carregadas de expressões emotivas que designam as intenções de quem as enviou” (CAPARELLI; NICOLAU, 2017, p. 12).

O nosso tempo é marcado pela digitalização do mundo e como todo processo tecnológico é dinâmico e rápido as imagens passam a ser fundamentalmente utilizadas no século XXI. Elas favorecem o imediatismo da comunicação no meio digital, uma vez que, na atualidade, o uso das telas digitais é bastante popularizado. Essas informações em forma de imagem estão no cotidiano de pessoas; seu trânsito virtual favorece a própria evolução da imagem como forma de linguagem digital.

O uso massivo das imagens no espaço digital, trouxe um novo tipo de relação social, este mediado por tais espaços rompeu com as barreiras tempo e espaço, colocando as imagens acessíveis para todos, comprovando que é impossível separar a imagem de seu contexto, na atualidade por exemplo o Instagram tem sido usado em diferentes projetos como forma de resgatar a História Local. A nova forma de relação social mediada pelo espaço digital contribuiu para ampliar o objeto de estudo da História da Arte e na construção da História Digital.

CAPÍTULO 3: HISTÓRIA LOCAL E HISTÓRIA PÚBLICA, UM DIÁLOGO POSSÍVEL A PARTIR DA HISTÓRIA DIGITAL

3.1 HISTÓRIA LOCAL PÚBLICA E SEU DESENVOLVIMENTO

A História está sendo construída. Em camadas sobrepostas ela está sendo feita com a participação individual dentro de uma esfera coletiva. Talvez seja um grande diálogo em sociedade e é exatamente por esse motivo que a História local se constrói ao redor do sujeito. O seu cotidiano possui significação do passado e está em constante ressignificação para o futuro. Apesar de sua construção ser ao redor do sujeito, o mesmo não possui conhecimento acadêmico para registro assertivo da História, porém, isso não significa que ela não seja construída por ele.

Colaborando com esta interpretação, a História Pública se envolve com as dimensões públicas, estando ela sempre dentro dos debates de interesse coletivo, atingindo diversos públicos (FAGUNDES, 2017). E, no centro deste universo, encontra-se a construção do patrimônio público, que, neste trabalho, é a memória construída no cotidiano.

No Brasil, a dificuldade encontrada pela História pública é seu histórico acadêmico e o “reducionismo” da mesma em cliques de documentários jornalístico ou em espaço digitais. Logo, o desafio da História Pública é estar conectada com a demanda de seu público, inserindo-o, como participante ativos na construção coletiva da memória. Torna-se necessária a participação profissional no auxílio dessa construção histórica: sem tal participação, a História local e História pública estarão fadadas a desviar-se do propósito maior que é estar conectado com as demandas sociais de sua época.

Neste sentido, a História pode ser construída com o público, atendendo suas demandas, colocando o público como protagonismo. Como se trata de um país em que a desigualdade social é contexto geral, o desafio da História é

é o de nos propormos não mais a “traduzir” a história a um público passivo, tratado apenas como audiência, mas nos relacionarmos com o mundo de forma humilde e politizada, levando em conta a necessidade de escuta e interação com outras narrativas e saberes (ROVAI, 2020, p. 4).

Ao nosso ver, enquanto na Austrália a História Pública teve engajamento político militando em batalhas comunitárias, defendendo a classe marginalizada no

subúrbio industrial, no Brasil uma de suas possibilidades de construção é através da História local, tendo o espaço digital como campo de diálogo para a temática e o público geral como protagonista. Afinal, se o público é de fato o protagonista, é preciso considerar os marginalizados do território nacional.

A história pública pode ser conceituada pelo o que se refere ao emprego de historiadores e do método histórico fora da academia, abrangendo toda sociedade, sendo, portanto, uma produção sociocultural. Nessa perspectiva, ela aborda “conteúdo de interesse público onde o beneficiário das produções culturais são o público [...] a história pública é baseada em comunidades” (LOPES, 2013, p. 40). A construção social coloca em diálogo a História Pública e história local, pois a História Local também se fundamenta em critérios socialmente estabelecidos dentro das comunidades, narrando as diversidades culturais, de classe social e de personagens importantes para o cotidiano dessas comunidades (LOPES, 2013, p.41).

A relação de História Pública e História Local está na comunidade. Ambas possuem o mesmo objeto, o interesse público. De modo geral, tudo o que acontece na sociedade é de interesse comum: os espaços compartilhados, os personagens públicos como políticos, uma autoridade compartilhada dentro da comunidade, os ditos “coronéis” nos pequenos municípios goianos, todos eles compartilham da mesma autoridade de um líder religioso – um vigário, por exemplo – e de poder de polícia. Parafraseando Lopes (2013), a “história local pertence a todos nós”.

A comunidade é importante para os dois campos da História discutidos até aqui neste capítulo, haja vista que comunidade evoca tanto o sentimento de bem-estar quanto uma necessidade que o indivíduo possui para se sentir seguro e confiante. Dessa forma, a produção sociocultural dessas duas modalidades de história sempre está relacionada ao bem comum, descrevendo “sentimentos de pertencimento e identidade” (LOPES, 2013, p. 40). Os conteúdos produzidos pelas duas se caracterizam pela vitalidade trazida da experiência dos sujeitos e da independência dos rigores historiográficos exigidos pela academia, constituindo-se em uma das formas mais democráticas praticadas. No centro das duas modalidades de história está a cidade e a localidade, de acordo com (LIMA, 2021, p.3) espaço digital é um local importante na democratização dos saberes da cidade.

Na atualidade, podemos considerar que História Pública e História Local estão profundamente inseridas em um espaço a um só tempo democrático e desigual, que é o espaço digital, tendo em vista que o espaço digital é o novo

espaço público e a cada momento ocupa a funcionalidade de outros espaços públicos como o Museu e Educação.

3.1.1 História local se tornando pública através da história digital

A História Local do município, por exemplo, conforme retratada em fotografias, contou com os mesmos aspectos expostos e associado ao ambiente digital. Ou seja, é possível, além de conservar informações, servir ao presente e ao futuro - respectivamente, apontando para a continuidade da história local ao redor do sujeito e oferecendo oportunidade de ressignificação para o sujeito construtor da história. Cabe neste momento perguntar como a História local se torna pública?

Partindo da ideia de que o mundo é o local comum onde as narrativas históricas coexistem, tais narrativas se constituem como públicas, pois no local comum as histórias se movimentam juntamente com as memórias em diferentes temporalidades, o desafio neste espaço é que as memórias e histórias construídas estão em uma dinâmica relacional de poder, disputando cada lado a sua versão da história, de acordo com Barros et. al (2021, p.90)

o esforço de tornar pública certa visão da história local se desdobra no necessário estabelecimento de diálogos, implícitos ou explícitos, com diferentes sujeitos, individuais ou institucionais desta localidade, podendo ser aberta ao debate público.

O debate público, democraticamente respeitando o sujeito, torna o processo democrático, pois o diálogo entre os pares e diversidade de experiência sobre o mesmo fato colabora para formação da memória coletiva. Na realidade, o teor público da história são as inúmeras vozes e visões, e processar tal multiplicidade de perspectivas só é possível por meio da reflexão, divulgação e compartilhamentos que se comuniquem de forma colaborativa, configurando-se em “multiplicidades de histórias que coexistem com dinâmica diferente” (BARROS et. al, 2021, p.96).

Conectado à internet, o indivíduo realiza suas interações com a sociedade, desde a transações financeiras até produções na academia. Pela internet torna-se possível ver praticamente de tudo. É por meio desta nova política do olhar que se estabelece também um novo padrão de sociabilidade, impactando a esfera pública: o que antes estava reduzido aos ambientes públicos limitados à localidade – seja praça, mercado e até mesmo shoppings centers – agora é mediado dentro do

espaço digital. O impacto trazido pela chamada era digital pode ser percebido, portanto, nos mais diversos contextos. Por isso

A cultura digital também impactou o já consolidado, embora dinâmico e em expansão, campo da história pública, dedicado às formas de mediação e de divulgação do conhecimento histórico para um público amplo. Mais do que simplesmente acrescentar um adjetivo, os recursos da web 2.0 – como foi denominada em 2004 a nova fase de uma web marcada pela interatividade, colaboração e produção de conteúdo pelos usuários (PRADO, 2021, p.17)

É importante salientar, sem nos preocuparmos em estabelecer uma definição única, que a “história digital tem sido predominantemente caracterizada em razão das mudanças nos suportes de registro das experiências históricas” (PRADO, 2021, p.7). Mais do que o suporte nos quais são registradas as experiências humanas, são as próprias experiências humanas com espaço digital. Sendo assim, este trabalho observou os possíveis impactos na construção da História Local do município de Turvânia dentro da História digital. Do ponto de vista historiográfico, neste ambiente, como já exposto acima, é imprescindível que também busquemos estabelecer relações com a História Pública, devido à abrangência da temática.

Durante a realização dessa pesquisa, foi possível observar que o espaço digital, além de ser o quadro negro do futuro, também consiste em um local de preservação, resgate e aglutinação da História Local, sendo um forte aliado para que ela continue sendo construída ao redor do sujeito, seja ele quem for. A digitalização da história do município se trata de uma forma atraente de apresentar as informações encontradas para o público que pensa de forma digital, ou seja, que já tem o espaço digital incluso no cotidiano (FAGUNDES, 2017).

Neste sentido, o espaço digital corrobora para o avanço da desmitificação do eurocentrismo, que supervaloriza os documentos escritos como fonte histórica, além de posicionar o historiador de modo que seja repensado o desempenho de seu trabalho:

Como se sabe, é hegemônica a associação do historiador ao “velho”, aos arquivos fechados, aos papéis amarelados; por raras vezes vi representações que o estabelecesse ao lado de dispositivos eletrônicos, seja para pesquisa, seja como instrumento para o ensino. Em um mundo “hibridamente tecnologizado”, em que diferentes mídias convivem e convergem, precisamos repensar sobre essas próprias associações imagéticas ligadas ao referido ofício (COSTA, 2015, p. 161)

Diante do exposto, é perceptível um certo desconforto trazido pela novidade do digital. Porém, é importante ressaltar que “através do tempo, o ser humano vem buscando formas de preservar a memória por ele construída” (FAGUNDES, 2017, p.107). A preocupação com a preservação de sua memória por meio da digitalização das imagens envolve uma reflexão sobre os mesmos sentidos de retratar tanto o cotidiano quanto as conquistas.

Dentre os fatores que contribuem para a pluralidade de informações no século 21, é possível pontuar o ciberespaço como forma uma democrática de amplificar tal pluralidade de vozes. Neste espaço, a escuta e a participação dos indivíduos na construção da memória são possíveis, e alguns projetos de História apontam essa possibilidade, como, por exemplo, o Centro de Humanidades Digitais da UNICAMP – este, criado em 2020, privilegia uma abordagem interdisciplinar que permite uma reflexão histórica a partir das tecnologias digitais (BARROS et. al, 2021).

Ainda que, com contradições, o ciberespaço ampliou o conceito de debate público, apontando uma série de direções do diálogo como a via do conhecimento interativo, já que tais espaços permitem a interação com público a partir do compartilhamento de autoridade em diferentes produções (CASTRO, 2021). Ao serem compartilhadas, as fotos dos arquivos pessoais do presente trabalho possibilitaram que outras histórias ligadas com os eventos registrados viessem à tona, em forma de imagem fotográficas, confirmando assim, a ideia de compartilhamento de autoridade. Tal ocorrência só foi possível devido à “aproximação com o público e é o que, de fato, altera e confere um atributo novo a essa relação” (CASTRO, 2021, p.187), tudo isso promovido pelo espaço digital.

Em breve conclusão é importante ressaltar que o espaço digital se constitui em um alicerce onde o debate, o diálogo e, por fim, a história local podem se tornar pública devido ao interesse e participação do público na “construção de espaço para divulgação de conteúdo histórico, sem precisar de quaisquer especialistas e historiadores” (CASTRO, 2021, p.111). Além do acesso à informação, ampliam-se novos modos de escrita e coautoria online. O espaço digital, seja ele em uma plataforma ou em uma rede social, possui potencial para explorar uma dimensão colaborativa sobre o conhecimento histórico e uma profícua capacidade de

desenvolvimento de novos saberes e relações envolvendo passado, presente e futuro.

3.2 INSTAGRAM E CAMINHOS PARA COMPARTILHAR INFORMAÇÃO POR MEIO DA INTERAÇÃO

Os espaços ocupados pela história fazem com a mesma seja expandida, isso torna o assunto de certa complexidade e com o avanço da tecnologia provocando de fato uma revolução tecnológica no cotidiano da sociedade é importante perceber que vida na atualidade se passa em telas, somos mediados pela tecnologia e através dela. O uso da tecnologia permitiu a criação de uma série de plataformas que promovessem a interação entre os pares da sociedade, dentre tais plataformas o Instagram recebe destaque, de fácil acesso o conteúdo adicionado ficará disponível e com permissão para que os envolvidos nesta plataforma de rede social possa ter acesso ao conteúdo publicado, é importante ainda ressaltar que os usuários do Instagram partem do imediatismo que a atualidade exige, por esse motivo os conteúdos adicionados possuem informações resumidas, elas precisam atender tal perfil de usuário para que faça jus ao imediatismo do tempo, a internet apenas acelerou o processo das informações e alterou o comportamento dos usuário, reconfigurando a forma de consumir notícias (BATISTA, *et al*, 2021).

A busca por uma fonte rápida de informação faz com o que o usuário recorra as redes sociais e especificamente o Instagram tem sido utilizado como forma de divulgação de tais informações, a cada momento um novo seguimento surge divulgando suas informações na referida rede social, deixando ainda mais complexo o comportamento das pessoas, pois neste momento uma rede social além de mediar as relações acabou se transformando em fonte de informação, uma vez que buscar informações está no cotidiano das pessoas, neste sentido

A busca informacional pode ser identificada em hábitos quotidianos, como ligar a televisão, quando inicialmente sintoniza-se o aparelho quase sempre no mesmo canal; ao ligar o computador ou mesmo ao acessar um determinado grupo no *Facebook*, *WhatsApp* ou *Instagram* (SECO; SANTOS; BARTALO, 2016, p.49)

O uso do Instagram para disseminar diversos conteúdos contribui para democratização da informação, porém é importante observar que apesar da

democratização e celeridade da informação, a forma com que as informações são disseminadas merecem cuidado, já que o conteúdo informacional contido nesta plataforma possui uma multiplicidade de interesses, submetendo a busca e o compartilhamento da informação a partir do interesse de quem acessa, e caso a pessoa não possui um vínculo afetivo ou interesse dificilmente vão apropriar-se do conteúdo (BATISTA, *et al*, 2021).

Sobre o aplicativo Instagram, vale ressaltar que sua definição se dá pela funcionalidade do mesmo:

O Instagram é um aplicativo de rede social, criado em 2010, por Kevin Systrom e Mike Krieger, destinado à publicação prioritária de imagens previamente tratadas e editadas pelo usuário. Seu nome deriva da junção do prefixo Insta, proveniente de instantâneo; acrescido de gram, derivado de telegrama, forma mais rápida de se enviar informações antes do advento dos recursos tecnológicos. Originalmente desenvolvido para utilização exclusiva em Smartphones, através dos quais as imagens seriam produzidas (fotografadas ou pesquisadas e em seguida tratadas) e instantaneamente publicadas, o que permite ao usuário interagir quase que de forma imediata com os seus seguidores. (OLIVEIRA, 2020, p. 11)

Com seu surgimento, aprofundou-se a popularização da utilização da imagem fotográfica como forma de texto, além de funcionar como um álbum fotográfico digital, tendo por base a interação entre os pares que utilizam o aplicativo. As publicações realizadas tem por finalidade serem compartilhadas. Conteúdos, informações e etc. ao serem compartilhados em quantidade expressiva constituem o engajamento

Através deste envolvimento, identifica-se a nova linguagem fotográfica, a fotografia digital, pois é através do registro que se marca um fato [...] Através deste envolvimento, identifica-se a nova linguagem fotográfica, a fotografia digital, pois é através do registro que se marca um fato [...] assim ao retratar uma imagem e publicada na rede digital, logo outras pessoas irá verificar e começar a interagir através deste registro. (PORTAL; SILVA, 2019, p. 144-145)

O referido aplicativo de certo modo tem sua utilização ao mesmo tempo fácil de operacionalizar, limita-se apenas as telas móveis. A modernidade e as atualizações limitam o acesso, uma vez que o aparelho não acompanhar o avanço tecnológico o aplicativo torna-se obsoleto, o uso do aplicativo é exclusivo em

celulares e tablets devido a funcionalidade, uma vez que o aplicativo permite o compartilhamento de fotografias digitais arquivadas, compartilhar vídeos e transmissões em tempo real, todas as suas funcionalidades tem como primazia a imagem e sua utilização (OLIVEIRA, 2020).

No decorrer da utilização e popularização do uso do Instagram, a comunidade cibernética, usuários do aplicativo desenvolveram uma linguagem própria, valendo-se dos emojis ou emoticons além de apropriação e criação de um vocabulário próprio como sugere Oliviera (2020, p. 24-26). Através de um vocabulário próprio o usuário possui maior interação com conteúdo e informações específicas, como o objetivo é a interação o vocabulário não tem por responsabilidade seguir os padrões gramaticais do idioma que se escreve. A interação proporcionada permite uma autoria involuntária e construída naturalmente pela própria interação, formalizando uma teia autoral por meio de cooperações de origens diversas (MARTINS; RAMOS, 2018).

3.2.1 Instagram: contribuições para história pública

A construção coletiva da história é um processo que tem por finalidade aproximar o grande público dos fatos por meio da interação, e, neste sentido o Instagram passa a ser apenas um veículo para tal construção pública; através desse espaço a “história está alcançando e interagindo com o público de forma inédita e que não há como voltar atrás” (CARVALHO, 2016, p. 40). Afinal de contas, para Carvalho (2016), a interação e construção da história pública a internet foi o “canto da sereia” (CARVALHO, 2016, p. 39) para a democratização do papel do historiador.

Como ferramenta, o Instagram vem sendo utilizado para diferentes finalidades. Uma delas é a sua utilização para desenvolver projetos de História Pública, tornando possível, através da interação, que a pessoa tenha contato e também seja construtora da história mediante os fatos representados através das fotografias. Uma vez que a utilização do Instagram permite explorar também recursos de linguagem híbrida, integrando imagem e texto, ele possui uma “textualidade fundamentalmente visual a outra verbal, imagem e palavra se cruzam [...] coesão e coerência [que] se entrelaçam formando uma imagem real ou encenada de seu usuário” (RAMOS; MARTINS, 2018, p. 6-7)

Piza (2012) descreve o contexto e as razões da criação do Instagram e afirma que a intenção dos criadores era a de “resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas Polaroids, câmeras fotográficas de filme” (2012, p. 25). Nota-se, portanto, que recursos como memória e exploração de múltiplas temporalidades se encontram no cerne desta rede social, tornando-a rica – ainda que problemática – para explorar a articulação de múltiplas temporalidades por meio da imagem.

As razões para que o Instagram apresente certo protagonismo na construção Histórica Pública se articulam ao lugar mais amplo ocupado pelas redes sociais na vida cotidiana ao longo das primeiras décadas do século XXI. Seguindo Carvalho (2016), podemos apontar três razões para o uso das redes sociais em favor da história:

Em **primeiro lugar**, essas redes reúnem milhões de pessoas. Nunca o historiador teve meios suficientes para alcançar um público tão amplo e heterogêneo. [...] Em **segundo lugar**, as redes sociais na Internet representam um enorme poder de colaboração popular. A História Pública não está interessada apenas em divulgar o conhecimento histórico. Ela também está interessada em fazer com que os diversos segmentos da sociedade participem da construção deste conhecimento. [...] Em **terceiro lugar**, as redes sociais na Internet interessam aos historiadores porque elas são um dos fenômenos históricos mais importantes da história da comunicação e da história contemporânea [...] (CARVALHO, 2016, p. 41-43)

Cabe neste momento questionar a validade do Instagram como forma de expressão ou veículo pelo qual a história pública é construída. Dado se tratar de um recurso recente e que ainda não conhecemos plenamente todos os seus problemas e limites, devemos deixar de explorá-lo enquanto recurso didático? Consideramos que não, pois, uma vez que o ciberespaço encurtou as distâncias geográficas, “as relações virtuais são levadas aos espaços concretos, como uma ratificação da condição corpórea do próprio ser humano” (RAMOS; MARTIS, 2018, p.118), neste sentido o aplicativo interfere sobre a realidade social humana. E, claro, podemos também pensar pela via oposta, constatando como, em certa medida, a realidade cotidiana é também transportada para o ambiente virtual. Exatamente por compartilhar a vida humana é que faz do aplicativo relevante e fonte de interesse de alimentá-lo com fatos e imagens fotográficas que fazem parte do cotidiano das pessoas. Ou seja, a realidade dita virtual é bastante humana e real.

Em um cotidiano cada vez mais dominado pela imagem, o Instagram amplia sua utilização, favorecendo a História Pública, uma vez que, na contemporaneidade a imagem fotográfica está ligada a outros elementos e o próprio aplicativo concede o direito de vincular as imagens aos sons e legendas. Explora-se a multissensorialidade do passado a partir daquilo que a própria imagem sugere. Já com os comentários, ele permite explorar aspectos que permitem colocar em destaque a ideia da coautoria da História; e, com a noção de compartilhamento, a cultura digital estabelece o vínculo necessário entre passado e presente, de modo o usuário possa construir uma narrativa pessoal, apropriando-se dos diversos fluxos de conteúdos que estão interligados ou pelo contexto histórico ou por elementos que compõem a própria imagem (MARTINS; RAMOS, 2018).

3.3 RELATOS DO PRODUTO FINAL: @memoriaehistoriadeturvania

3.3.1 análises do espaço digital e a construção da história local a partir dos residentes do município de Turvânia

O produto final deste trabalho é fruto deste esforço de enfrentar os limites que apontam para quase uma ausência de historiografia do município, os residentes não possuem acervo dessas imagens que serve como museu imagético. O produto final deste trabalho é “ponte” entre a geração passada e a geração futura, já que a geração passada possui fotografias que contém histórias que estão entrelaçadas contendo diversas famílias, através de tais fotografias conseguimos montar o perfil do Instagram que possui seguidores de ambas gerações.

Valendo-nos da cultura digital e do Instagram, criamos um perfil no Instagram *@memoriaehistoriadeturvania*. Neste espaço, composto por fotos do cotidiano, fatos históricos, registros pessoais e paisagens de contextos comuns, foi possível estabelecer um diálogo com a população local, com finalidade de recuperar e ressignificar a memória e a história do município de Turvânia-GO. Ainda em atividade, o perfil conta com seguidores, uma apresentação breve apresentação e, nos destaques, já apresentamos com algumas imagens contendo elementos comuns do cotidiano da população.

O pacto da realização deste trabalho para sociedade turvaniense tem significado ímpar, por pelo menos três razões: a primeira delas é o recorte temporal, pois alguns dos residentes mais antigos ainda estão vivos e serviram de fonte

histórica para elaboração deste trabalho; o segundo é a perda do registro documental da história devido a um acidente (incêndio) no prédio de armazenamento; o terceiro é tornar a história local conhecida aos novos residentes e descendentes dos que, ao longo do tempo, fizeram parte da construção histórica municipal.

As razões expostas acima comprovam a utilização cotidiana do espaço digital para história, uma vez que no espaço digital as informações são armazenadas de forma ilimitada e as distâncias entre os partícipes das imagens diminuem entrelaçando os contextos. Neste sentido, Carvalho (2016, p. 41-43) afirma que o espaço digital tem sido objeto de interesse de historiadores nesses últimos tempos, o que pode ser comprovado com surgimento de outros perfis, blogs e sites com a funcionalidade de resgatar a história de determinada localidade, por isso o referido autor afirma ser este feito “inédito” (CARVALHO, p.40).



Fonte: Instagram @memoriaehistoriadeturvania

Os destaques foram utilizados como maneira introdutória, com linguagem híbrida contendo imagens e textos escritos para situar o usuário do contexto em que as fotografias foram tiradas. Outro fator a respeito da utilização das imagens fotográficas, é que, como constituintes de uma memória coletiva, as imagens fotográficas nos destaques permitem aos envolvidos ou aos descendentes dos envolvidos na cena fotográfica identificarem ou recordarem as afinidades, os contextos e a localidade, fazendo da memória em forma de registro fotográfico ativa e móvel, de acordo com Halbwachs (1990).

O Instagram tem possibilitado a criação de perfis semelhantes. Embora não tenham como objetivo principal a formação da história, os perfis semelhantes estão resgatando a história local, através da divulgação de fotografias e histórias relacionadas à mesma. Os perfis *@memoriasdeipora* e *@memoriasdegoianesia*, relativos às cidades goianas de Iporá e de Goianésia, respectivamente, são exemplos do ocorrido nas últimas décadas. É importante ainda entender o perfil dos sujeitos que fazem parte da história local na atualidade, pois mesmo a distância física o espaço digital permite a aproximação do sujeito com o ambiente de origem da construção histórica carregada de afetividade e identidade local como comprova a imagem a partir da interação individual o usuário relembra os tempos de sua infância fazendo referência à localidade.



Fonte: Instagram @memoriaehistoriadeturvania

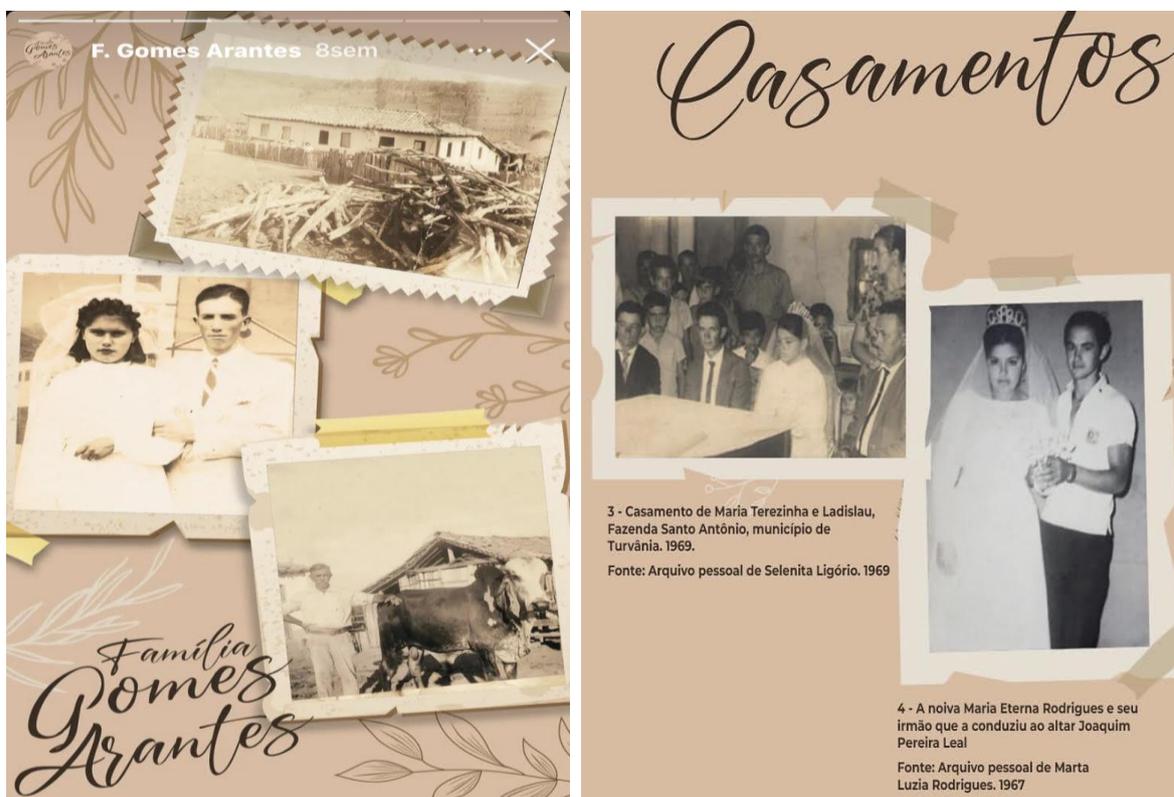
Os comentários realizados na imagem acima são exemplos de que a História Local é construída em torno do sujeito, as referências da infância citando locais dentro dos limites municipais evocam significados e simbolismo que possuem valor particular para os que residem no município, enquanto para um comentarista o importante era o proprietário da fazenda para o outro a localidade é mais importante.

O que torna o comentário importante é que tais comentaristas não residem no município, mas passaram a infância e ainda possuem familiares no município.

3.3.2 A Fotografia como fonte de história e a possibilidade de lembrar

A fotografia tornou possível cristalizar o momento que se viveu, a cena em preservação pela fotografia tornou-se patrimônio individual através dos álbuns fotográficos através da popularização da fotografia. Por sua vez, o álbum fotográfico passado de geração em geração como propriedade familiar aponta caminhos para uma história local que vai sendo construída no campo íntimo, já que as cenas cristalizadas fazem parte do cotidiano de um determinado grupo social. Por isso de acordo com Le Goff (1990), a fotografia se constitui em uma espécie memória social, fazendo ligação com a localidade e mesmo contexto, já que a individualidade está em conexão com a vida social.

Uma análise das fotografias do acervo individual da família Gomes Arantes, tradicionais na cidade de Turvânia, aponta ser possível perceber um padrão cultural ao utilizar a fotografia como fonte de memória também utilizada por outras famílias do município como as famílias: Ligório, Rodrigues e Leal.



Fonte: @memoriaehistoriadeturvania

As fotos acima apresentam o cotidiano comum do goiano. Tais registros que trazem a luz os hábitos, lugares e cultura, e permitem ao usuário compreender de que forma se deu a formação histórica tanto da localidade quanto do estado de Goiás, pois devido a posição geográfica de Goiás temos raízes mineiras e paulistas, tornando a cultura goiana uma extensão desses dois estados. Do ponto de vista objetivo do trabalho, tais imagens evocam a nostalgia e a comprovação de que o espaço digital de fato modificou a forma com que as memórias e imagens são armazenadas na atualidade. Um outro fator observado é que tais imagens comprovam também que a construção da História Local se dá em torno do indivíduo, já que na maioria das imagens estão com parte da população local.

A relação fotografia e história pode ser vista a partir da cotidianidade, o que deixa claro que não existe possibilidade de excluir a fotografia da própria experiência humana (KOSSOY, 2001). Tais experiências, apesar de vinculadas ao tempo e ao espaço do Instagram como forma de construção e armazenamento da história, possibilitam aos cidadãos envolvidos novas possibilidades de leitura e interpretações a respeito do texto imagético. Nos destaques, as fotos utilizadas colocam presente e passado em contato, a modernidade do aplicativo contrasta com o cotidiano dos cidadãos de uma época diferente do usuário da atualidade.

Comprovando a fotografia como fonte de memória e construção da história local, ao ser compartilhado as fotografias dos casamentos expostas aqui outros usuários ao interagirem trouxeram outras informações que fazem parte da história local, por exemplo a usuária @denyselgorioc:

“Fotografia 5 Casamento de Selentina Maria da Costa e Afonso Ligório em 28 de dezembro de 1963. Em São Luiz de Montes Belos. Minha avó Selentina, nasceu em 1939 em Patos de Minas, Minas Gerais. Ela e sua família mudaram-se para Goiás em 1953, em busca de uma vida melhor, primeiro moraram próximo a um povoado denominado Capela, no município de Anicuns [...] Meus avós precisaram ir para outro município se casar porque onde moravam não tinha padre na cidade” (@denyselgorioc, 29 de setembro de 2022).

Outro usuário registra a partir de sua interação com perfil deste trabalho a mesma informação: *“não tinha padre na região, os jovens que pretendiam se casar precisavam ficar esperando o dia que o padre viesse celebrar a missa para realizar os casamentos de todos os noivos da região” (@martaluzia.rodrigues, 29 de*

setembro de 2022). Essas informações revelam que o perfil dos residentes era constituído por pessoas de outros estados de tradição religiosa católica. A mesma usuária relata sua evoca e rememora emoção ao ver tais fotografias “emocionada e orgulhosa por ver nesta página um momento tão especial na vida da minha mamãe” (@martaluzia.rodrigues, 29 de setembro de 2022).

Outra observação que pode ser feita a partir das interações é a percepção de como é importante para o indivíduo a história local feita a partir das fotografias, comprovando que o uso das imagens para construção histórica e da memória, já que, “estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de rememorar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos.” (SAMAIN, 1998, p.22). conforme Batista, et al (2021) o espaço digital democratizou uso das imagens como possibilidade uso da fotografia como forma de construção de conteúdo por meio da interação, que no Instagram acontece de forma imediata de acordo com Oliveira (2020), tal imediatismo ocorre por meio de indicar (mencionar) outro usuário dentro de seu comentário.

3.3.3 A fotografia como texto imagético

As fotografias expostas servem como texto imagético, portanto, importantes para realização da devida aplicação da iconografia e iconologia, de acordo com Manini (2002) exposto neste trabalho. Tais imagens possuem valores simbólicos com significados intrínsecos, passível de observação da cultura e ideologia do local e à medida que ocorre mudanças culturais e ideológicas, elas também podem ser observadas como a imagem a seguir:



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

Acima é possível observar o moderno e o antigo juntos, indicando a chegada do progresso no município sem perder as raízes e os significados simbólicos da localidade, pois os meios de transporte, no caso exposto, sempre foram marcantes para o desenvolvimento da cidade de Turvânia, desde quando se chamava Poções e servia de apoio para quem estava de passagem, característica que o município possui até os dias de hoje. A imagem exposta permite ao indivíduo rememorar e evocar vínculos com os locais e contextos que foram formados a partir da experiência humana, contribuindo, portanto, com a identidade local.

Outro fator que pode ser observado quanto à utilização da imagem como forma de texto transmitindo uma mensagem, é cada vez mais comum a utilização de imagens com finalidade da comunicação de emoções, o que comprova a importância do hibridismo e de uma ressignificação da linguagem com a criação de um vocabulário próprio composto por imagem



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

O texto híbrido com utilização de emojis (imagens) transmitem o sentimento dos usuários quando vão interagir com as fotografias. Martins e Ramos (2016) afirmam que tal linguagem é construída naturalmente e, além de ser autoral,

também é realizada pela cooperação, tendo diversas origens. No caso do exposto acima, demonstram as emoções. Tais aspectos apenas comprovam a utilização da imagem como possibilidade de texto para transmitir informações e outras mensagens.

3.3.3 A história em movimento a partir das interações com as fotografias

No desenvolvimento da dissertação e na realização do produto final com objetivo prático de analisar as hipóteses é importante observar as interações que os usuários tiveram com as fotografias através do espaço digital. Neste contexto, a localidade passou a ser uma referência de um passado em que o indivíduo nutre através da experiência e memória o sentimento nostálgico.

Em uma sociedade que tem por característica o imediatismo as imagens são amplamente utilizadas e fazem parte cada vez mais da construção histórica. De acordo com Carvalho (2016, p. 40), a história interage e alcança o público de aqui forma inédita, configurando-se em um processo sem volta devido à aplicação da tecnologia, já que as imagens podem ser baixadas, salvas e utilizadas por qualquer um e para a construção histórica. Conforme aponta o usuário @gigijonesnovelista “as fotos são sempre uma história visual” (@gigijonesnovelista, 5 de outubro, 2022). Tal percepção sugere o dinamismo, o significado e a potencialidade que a fotografia possui para o indivíduo.

As interações entre fotos e usuários permitiram a identificação com o contexto, formando uma grande “teia” da construção da História Local, ressaltando sua importância para a continuidade da construção da História Local. A importância e a capacidade de construção histórica a partir da fotografia foram percebidas da seguinte forma, de acordo com o comentário do usuário @55maria_dos_reis55:

“Sou professora da rede estadual de Turvânia usei as fotografias da família Gomes desse Instagram para desenvolver um projeto de iniciação Científica História de Turvânia, contribuiu muito para o desenvolvimento do projeto, foi muito importante, parabéns professora Julientina, levando o conhecimento para população” (@55maria_dos_reis55, 5 de outubro de 2022)

Em outra ocasião, a interação permitida pelo espaço digital permitiu reconhecer a pessoa na fotografia, menciona-la nos comentários dando a

oportunidade de o sujeito trazer novas informações sobre a cena fotografada como são os casos a seguir:



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

Embora os usuários @mariaeternaro e @soniamariainacia, mencionados não tenham respondido as menções, elas foram identificadas nas fotografias compartilhadas no produto final deste trabalho. Pelo fato de terem sido mencionadas demonstra a importância da interação para o sujeito, que em alguns casos o sujeito também está relacionado à fotografia de forma afetiva.

3.3.4 A história local a partir das imagens fotográficas

Baseado na experiência humana com a cultura visual é possível concordar com Martins (2006) que tal experiência é profundamente afetada pela imagem, pois a imagem em sua relação com o sujeito lhe oferece a possibilidade de ressignificação, de construção de novos sentidos colocando em debate o campo das relações sociais e suas representações. Não obstante, de acordo com Brum (2017), essa experiência é subjetiva, sendo importante observar que as fotografias

compartilhadas expressam o cotidiano multifacetado da sociedade da época, tipificado com as roupas e os eventos.

As imagens fotográficas expressam as diferentes classes econômicas que foram construtoras da História local do município de Turvânia, pois tais eventos e costumes retratados nas imagens apontam o perfil dos moradores da época, comprovados ao analisar as diferentes fotos. Abaixo, cenas dos eventos públicos que marcaram a população local, permitindo observar o perfil econômico e social dos residentes do município.

Eventos Públicos

61 - Primeira escola de alvenaria

62 - Alunos em visita a prefeitura

63 - Desfile Cívico. Foto sem data.

64 - Escola Isolada do Fundoso

65 - Prédio construído na década de 50

66 - Emília Luiza de Moraes, primeira professora com curso Normal. Escola em Nazário. Foto sem data.

67 - Festa da cidade

memoriaehistoriadeturvania
Turvânia, Goiás, Brazil

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação. Vamos juntos, registrar nossa História! As fotografias 61 e 65 são de escolas, esses prédios ainda existem? Que níveis de ensino elas ofereciam? Você é capaz de fazer uma linha do tempo com as escolas da trajetória das escolas que existiram e existem em Turvânia?

As escolas rurais no município de Turvânia, existiram até 1992, quando a administração municipal, adquiriu ônibus para o transporte diário de alunos da zona rural para a cidade para estudarem! Qual fotografia é de uma escola rural? Você identifica alguma pessoa dessa fotografia? Que memórias essas escolas despertam em você?

Na descrição da fotografia 66, percebe-se a dificuldade dos habitantes de Turvânia para estudarem. Você conhece a pessoa da fotografia?

Você imagina o que estão fazendo as pessoas das fotografias 62 e 63? Atualmente ainda existem esses eventos? Observe as fotografias 67 a 75, que tipo de eventos elas retratam? Qual a importância dessas fotografias para a memória local? Você consegue identificar alguém? Identificou algum local que mudanças do espaço físico aconteceu? Que prédio é retratado na fotografia 69? Ele ainda existe? Que

Curtido por marciogomes1910 e outras 11 pessoas

JULHO 30

Adicione um comentário

Publicar

Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

O ciberespaço presente no cotidiano da população, através da internet e também das tecnologias móveis (smartphone e tablets) reconfigurou o conceito de álbum fotográfico, pois a digitalização ofereceu ao usuário a conservação do material impresso e também a possibilidade de evocar as memórias registradas em forma de fotografia em qualquer lugar. Além disso, o aplicativo também oferece a oportunidade de compartilhar o conteúdo o que facilita e amplia o alcance das fotografias.

Fazendo com que chegue para outras pessoas que não mais residem no município, mas que possuem sua história ligadas ao município de Turvânia. Dentro da proposta do perfil @memoriaehistoriadeturvania, as fotos familiares foram utilizadas comprovando que o ciberespaço e a sua possibilidade de armazenamento

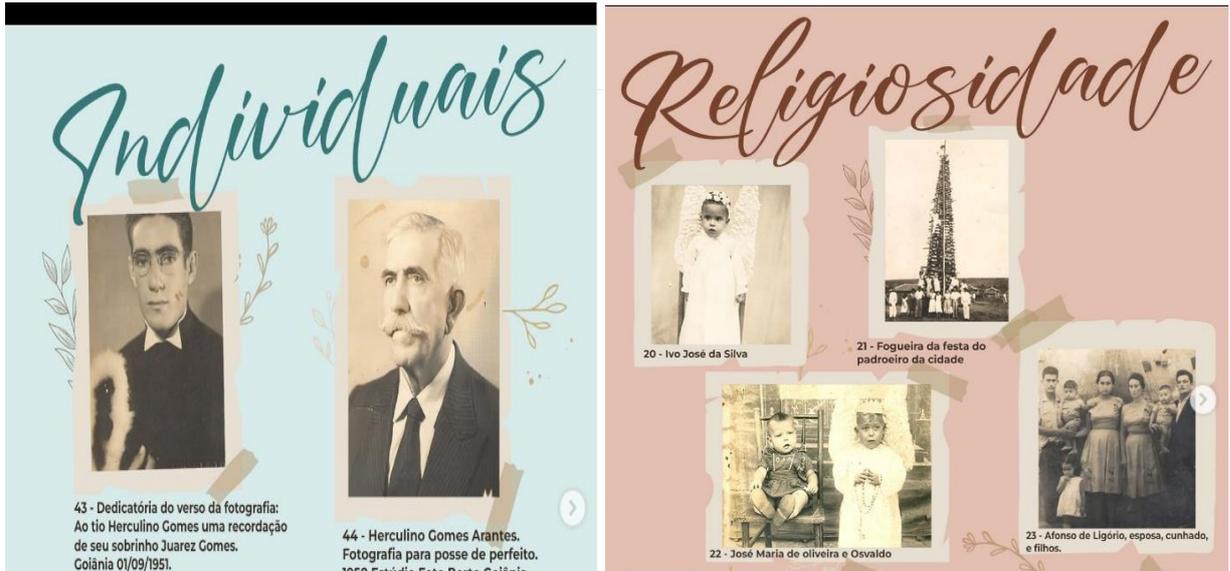
se configuram em nova forma de álbum fotográfico e novo espaço para lembrar os fatos, uma vez que de acordo com Caparelli e Nicolau (2017) elas estão carregadas de expressões emotivas e afetividade.



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

A História Local compartilhada dentro do espaço digital é fruto do tempo, em que a questão digital se apropria da história humana, para além dessa realidade permite, de acordo com Steca (2004), desenvolver a consciência histórica sobre os fatos locais e regionais, estabelecendo conexões entre os conhecimentos e históricos mundiais com a história dos moradores locais. Ou seja, podemos perceber que o fortalecimento dos vínculos da comunidade local é fruto de uma preservação da memória coletiva (FERREIRA; SILVEIRA, 2020).

O espaço digital retira as fronteiras e passa a ser um local de acolhimento, conectando todos em uma velocidade, que mesmo não seja em tempo real o usuário sempre estará online podendo conforme Lévy (1999) trazer um novo sentido para a memória, servindo também como ambiente democrático e um espaço de escuta para os moradores antigos, valorizando aqueles que guardam a memória dos fatos ocorridos de interesse coletivo ou individual, talvez esse aspecto também contribui para uma ressignificação de eternidade, pois ao lembrar as personalidades políticas, a infância da população, escolas, igrejas, eventos e cerimônias.



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania



Fonte: Instagram: @memoriaehistoriadeturvania

Tudo isso marca o cotidiano das pessoas e compõem a história, que podem ser vistas pelos seguidores do perfil e também pelos usuários que interagem com as publicações em forma de curtida, comentários ou mensagens por direct, colocando tanto a pessoa quanto, quanto sua história dentro contexto maior da história da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios a humanidade se preocupa em deixar seu registro como forma histórica, basta olharmos para as pinturas rupestres. Sempre utilizamos a imagem como forma de comunicação e de linguagem. De certo modo as imagens nos fascinam: através delas podemos ter acesso a outros espaços que não conseguimos estar presente, vivenciamos também a possibilidade de ressignificar a história e constantemente reviver sentimentos que tais imagens podem trazer para a realidade.

As fotografias estão presentes no cotidiano humano e promoveram profundas mudanças em conceitos relacionados a tempo, espaço e eternidade, pois, conforme sua evolução, ela passou a ter outras funcionalidades potencializadas pelo espaço digital. Utilizadas como fonte histórica, contribuem para a História Local, estabelecendo conexões entre a pessoa e os diferentes locais onde não se pode enxergar a história.

Este trabalho utilizou as imagens fotográficas e, digitalizando-as, conseguimos coloca-las em contato com a comunidade, possibilitando que a população conhecesse os primeiros costumes e tradições, interessantes não somente para os residentes do município, mas para todos os que de alguma forma possui vínculos neste local. A respeito ainda da localidade, de acordo com os levantamentos para o trabalho é perceptível o aspecto acolhedor preservado até a atualidade, pois desde o princípio Turvânia é ponto de apoio para os que passavam pelo local, inicialmente apoio aos fazendeiros e agora para os que estão de passagem na rodovia que que liga o Goiás com Mato Grosso.

Esse aspecto muito contribui e interfere na História Local, talvez seja por esse motivo que a população seja acolhedora, isso pode ser visto através das imagens expostas neste trabalho, com a chegada de tantas famílias e a evolução vinda a partir dos meios de transportes. Os sujeitos históricos fizeram de Poções uma cidade acolhedora chamada Turvânia e, para isso, fizeram mudanças também na organização estrutural da cidade, mudando a estrutura escolar de local para que ganhassem emancipação municipal. Isso possibilitou uma verdadeira galeria de personalidades retratadas nas figuras políticas municipais.

Os diferentes contextos compartilhados pelo produto final permitiram o entrelace das histórias e fez com que outros sujeitos também participassem da

autoria. Foi notável constatar a presença de potenciais novos autores que puderam, por meio da interação, compartilhar tanto o conteúdo quanto outras histórias por detrás da cena fotográfica registrada, dando ainda mais valor à História Local.

Durante a realização do trabalho foi possível observar que a fotografia se tornou também um documento de fonte histórica para a História Digital, superando em outro sentido a já desgastada supervalorização dos documentos escritos como fonte histórica. Aliado ao novo tipo de armazenamento permitido pelo espaço digital, tais registros são conservados do efeito tempo e intervenção humana, já que no município de Turvânia o pouco acervo documental sobre sua história foi consumido pela ação do tempo e por um incêndio. Embora não fosse primazia nessa dissertação, o produto final acabou se tornando uma espécie de museu digital para a população municipal, esses motivos comprovam a necessidade e importância de a fotografia ser considerada imagem/documento.

O perfil em que foi desenvolvido o trabalho rompeu com os espaços destinados à investigação, já que agora o sujeito pode realizar a busca pela informação dos fatos e da História, permitindo que experimente o resgate da História e colocando em debate as dimensões públicas que são compartilhadas pela sociedade. Dentre tais dimensões a maior delas é o patrimônio público. Neste caso, a memória construída no cotidiano do sujeito foi possível ser vista a partir dos seguidores do perfil e também na interação que os seguidores realizaram compartilhando, comentando e curtindo as fotografias e em algumas delas, chegando a identificar outras histórias relacionadas às cenas fotografadas ou com as pessoas que aparecem nas fotos.

Longe de esgotar a temática, a realização do trabalho realmente demonstrou a importância da imagem como fonte histórica e como a História Local, Pública e Digital estão interligadas. Embora alguns aspectos tenham sido conclusivos, outros ficaram em aberto, devido se tratar de um ambiente tecnológico que como a História mostra vem evoluindo de acordo com o tempo, conforme a interação da sociedade e sua disposição em dar continuidade na construção da história e memória que estão em constante movimento.

O produto final deste trabalho demonstrou a importância da História Local para os moradores, permitiu “compartilhar” o passado e servir como fonte de consulta para outros profissionais da área de educação para realização de iniciação científica com seus alunos que também são residentes no município e que não

conheciam a história municipal e nem que suas famílias faziam parte da construção histórica local. O compartilhamento do passado favorecido pela democratização que o espaço cibernético oferece e experiência dos usuários com esse espaço.

Tal espaço permite deixar sempre disponível as fotografias e informações para que sejam utilizadas como fonte histórica, isso sem falar de importância para os residentes que continuam fazendo a história a partir de seu cotidiano, preservando alguns aspectos culturais naturalmente, ressignificando o passado e preservando a memória coletiva toda vez que ao compartilhar o passado também está rememorando as situações vivenciadas. Este fato é um dos exemplos que a história é contínua e está em constante movimento, outro perfil de Instagram, @cepiprofjoaodearaujo, este perfil é de uma escola Estadual no município que, através do projeto de iniciação científica como mencionado já neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, João Pedro Silva de; SANTOS, Paula Wiviam Quirino Dos. *Redes sociais online como espaços de memória: uma visão a partir da página "recife de antigamente*. Relatos de pesquisa, v. 13, n 3, p. 107-121. João Pessoa, 2017.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. *Ensino de História, Memória e História Local*. Revista Hist. UEG, Porangatu, v.2, n.1, ISSN 2316-4379, p.301-321, jan./jul. 2013.
- BARRETO, Monara de Almeida. *A fotografia como documento e informação e o papel dos fotógrafos populares na construção da memória de favelas*. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2020.
- BATISTA, Martha Raquel de Souza; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. *A subjetividade fotográfica: possibilidades de apreensão da paisagem geográfica cultural*. Anais Semana de Geografia, v. 1, n. 1, UEPG, ISSN 23179759, Ponta Grossa, 2014.
- BARTALO, Linete; SECO, Layara Feifer Calixto; SANTOS, Zineide Pereira dos. *Comportamento informacional e compartilhamento da informação no Instagram*. Revista ACB, v. 21, n. 1 p. 46-60, Florianópolis, 2016.
- BARROS, Joana da Silva; CÔRTE, Andréa Telo da; LIMA, Lívia Morais Garcia; HADLER, Maria Silvia Duarte; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; KOBELINSKI, Michel. *Como fazer a história local se tornar pública, e para quem?*. Letra e Voz, São Paulo, 2021.
- BARROS, José D'Assunção. *História, Região e Espacialidade*. Revista de História Regional, v. 10, n. 1, ISSN 1414-0055: 95-129, Ponta Grossa, 2005.
- BATISTA, Emily Ishila Rodrigues; DIAS, Jakelline Mikellen Vasconcelos; FILHO, José Andrade Costa; OLIVEIRA, Leonara Vitória Brito; SILVA, Fábila Juliana Azevedo da. *O uso do Instagram como plataforma de informação e educação sobre a temática da sexualidade*. VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, UFPB, Paraíba, 2021.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Um art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Les Editions du Minuit, 1965.
- IDEM, Pierre. Die Praxis der reflexiven Anthropologie. In: Bourdieu, Pierre; Wacquant, Loïc. *Reflexive Anthropologie*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1996.

- BLOCH, M. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [original 1941].
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- IDEM. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2015.
- BRANDÃO, C. M. M. *Quando foto-graphias (re) apresentam significações míticas do imaginário*. Domínios da Imagem: Londrina, ano VI, n. 12, p. 59 -69, 2013.
- BRUM, Lucas Pacheco. *Imagem de referência: uma trama entre cultura visual e a educação da cultura visual*. [mestrado] UNB, Brasília, 2017.
- BURKE, Peter. *Como confiar em fotografias*. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 04 fev. 2001.
- CABRAL, [Petrônio] Francisco. *Eu ouvi, Eu vi, Eu vivi: No quilometro 90, da rodovia GO 060 está ela a cidade que amamos. Turvânia*. 2014.
- CAPARELLI, Naiade; NICOLAU, Marcos. *Cibericonografia e comunicação: a linguagem iconográfica na cibercultura*. ITERCOM, XIX Congresso de Ciências da comunicação na Região Nordeste, Fortaleza- CE, 2017.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo*. Revista transversos, v. 07, n. 07, Rio de Janeiro, 2016.
- CASTRO, Miguel Barboza. *Wikipédia e usos da história: a edição de uma história pública digital por historiadores e multidões*. [dissertação], UFRS, Porto Alegre, 2021.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de. *Como tratar coleções de fotografias*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CECATTO, Adriano; MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano. *A iconografia e o ensino de história: potencialidades e possibilidades*. Scipione, v. 18, n. 36, p. 26-34, São Paulo, 2006
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Aryana Lima. *História Local*. In. FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Org.). *Dicionário de Ensino de História*, 1ªed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- COSTA, Marcella Albaine Farias da. *Tecnologia, temporalidade e História digital: interpelações ao historiador e ao professor de história*. Revista mosaico, v. 8, n. 2 p. 173-182, 2015.

- DONDIS, Dondis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2015
- DUBOIS, Phelippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994.
- ENNE, A. L. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica*. fund. castelo Branco, 1(1). 2020.
- FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *O queé, como e por que história pública? Algumas considerações*. UNESPAR, p. 3018-3026, ISSN 2175-4446, 2017.
- FERREIA, Víviam Cathaline de Sousa; SILVEIRA, Samia Sampaio. *A BNCC e o ensino de história local: relações possíveis*. XIX Encontro de História da ANPUH-Rio, 2020.
- FEBVRE, L. "Face ao Vento: manifesto dos novos Annales" In: NOVAIS, F. e SILVA, R. (orgs.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p.75-85 [original: 1946].
- FONSECA, Selva Guimarães. *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*. Revista História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006, disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v9i1.193>
- IDEM, Selva Guimarães. *Fazer e ensinar história*. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GABRIEL, Carmen Teresa; MARTINS, Marcus Leonardo. *Narrativas Escolares do Rio de Janeiro: Quem são os sujeitos dessas Histórias*. In: GABRIEL, Carmem; MONTEIRO, Ana Maria; BOMFIM, Marcus. (Org.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história*. 1ªed.Rio de Janeiro: Mauad X, p. 205-231, 2016.
- GOUBERT, P. *História local. História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 6, p. 51-52, jan/jun., 1992.
- GOIÁS. *Documento curricular para Goiás- Ampliado*. CONSED/SEDUC, 2018.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.1990.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996
- KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual*. Revista ArtCultura, v.8, n. 12, p.97-115, ISSN 21783845, Uberlândia-MG, 2006.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2. Ed. rev. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- IDEM, Boris. *Construção e desmontagem do signo fotográfico*. In: *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

IDEM, Boris. *História da fotografia*. Ateliê Editorial, 2018

LANGARO, Jiane Fernando. O ensino de história, entre o local e o global: relato de experiência docente e esboço de uma metodologia para sala de aula. In: KAMITTA, Ilyane do Rocio; ARAKAKI, Suzana; FACHIN, Viviane Scalon. (Org.). *A História no entretecer das práticas de ensino*, Serra; Editora Milfontes, 2018 p. 115-157.

LEITE, Miriam Moreira. Imagem e educação. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM NA PEDAGOGIA. *Anais*. Rio de Janeiro: UFF, 1996.

IDEM, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

IDEM, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34. 1999.

LIMA, Tchuca Kércia Moraes de. *História pública e identidade no museu digital de campina grande*. 31º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, p. 1-12, Rio de Janeiro, 2021.

LOPES, Gustavo Esteves. *Presença da história pública em comunidades locais: políticas culturais e exercício de cidadania no contexto de repertórios de ação coletiva- a experiência recente do Centro de Memória de Hortolândia- Prof. Leovigildo Duarte Júnior*. RESGATE, p. 39-48, 2013.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa. v. 30, n. 2, p. 289-300 2004. Disponível em: DOI:10.1590/S1517-97022004000200007.

MATOS, Caroline; SIMIONI, Taíse. *Leitura de imagem fotográfica na escola e (re)construção do conceito de família*. Interfaces, v. 12, n.1 p. 96-112, ISSN 21790027, 2021.

MARTINS, Analice de Oliveira; RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão. *Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade*. Texto Digital Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, Florianópolis, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117>

MARQUES, Janote Pires. *Além da história, a tradição oral: considerações sobre o ensino de história da África na educação básica*. Revista Educação & Formação, v. 2 n. 5, p. 164-182, ISSN 2448-3583. Fortaleza, 2017.

MANINI, Miriam Paula. *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*. Tese. Universidade de São Paulo, São Paulo- SP, 2002.

MAZZARALO, Natasha. *Catadores da cultura visual*. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis- SC, 2012. Disponível em http://www.culturavisual.org/corsario/src/img_up/11122012.3.pdf, Acessado em 12/09/2022.

MAIA, Mônica Emanuela Nunes; SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de; SÁ, Carlos Almeida. *BNCC e Ensino de História Local: Considerações para Formação de professores de História*. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, (comunicação) Maceio, 2022.

MAZZOLA, Renan Belmonte. *Um ensaio de análise iconográfica: laços entre a teoria da arte e o método arqueológico*. Acta Scientiarum, v. 37, n. 4 p. 413-421, ISSN 19834675, Maringá, 2015.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

MARTINS, Raimundo. *Por que e como falamos de cultura visual?* Revista Visualidades. V. 4, n. 1 e 2. Goiás, Ibict, 2006

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, p. 11-36 2003, Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, ISSN: 1678-4561, 2012.

MONDERNARD, Anne de. *A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918*. Projeto História: espaço e cultura, v. 18, ISSN 21762767, 1999.

MONTEIRO, Charles. *Pensando sobre História, Imagem e Cultura Visual*. Revista Patrimônio e Memória, v.9, n. 2, p.3-16, ISSN 18081967, Unesp, São Paulo- SP, 2013

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: espaço e cultura, v. 10, ISSN 21762767, 1993.

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. *Manual interativo de utilização do Instagram como ferramenta pedagógica*. Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Rio Pomba, 2020

PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. *Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios*. Revista História e Ensino, v. 13, ISSN 22383018, Londrina, 2007.

PAIVA, Alzira dos Santos. *Turvânia: História da dinâmica municipalista*. [monografia] Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns. 2006.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. *Crêterios de qualidade para*

artigos de pesquisa qualitativa. Revista Psicologia em Estudo, v. 24, ISSN 1807-0329, Maringá 2019.

PANOFSKY, Erwin. *Early Netherlandish Painting*. Cambridge/Mass.: Harvard University Press, 1953.

PALFREY, John; Gasser, Urs. *Nascidos na era digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. São Paulo, Artmed. 2011. p. 202-217.

PEREIRA, Júnia Sales. *Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar*. Faculdade de Educação e Centro Pedagógico da UFMG. ISBN 9788580070088, Belo Horizonte, 2010.

PESSONI, Natália C. dos Santos. Da BNCC ao Documento Curricular de Goiás: os problemas da materialização do componente história no estado, p. 282-303. IN.: FERREIRA, Angela Ribeiro et al (Orgs.) *BNCC de História nos estados: o futuro do presente [recurso eletrônico]*. ISBN. 97865591729772924, Editora FI, Porto Alegre 2021.

PINSNKY, J; PINSNKY, C. B. Abordagens. In: KARNAL, L. (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PIZA, Mariana Vassallo. *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. [dissertação] UNB, Brasília, 2012

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTAL, Valmir Mateus dos Santos; SILVA, Gabriela Saldanha da. *A fotografia e o engajamento no Instagram*. Ciência da Informação, v. 1, n. 1, p. 132-150, Londrina, 2019

PRADO, Gillard da Silva. *Por uma história digital: o ofício do historiador na era da internet*. Revista Tempo e argumento, v.13, n.34, e021, Florianópolis, 2021.

PRIORI, ÂNGELO. *História Regional e Local: Métodos e fontes*. UNESP, 1994.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. *A História Local e Regional na sala de aula do ensino fundamental: mudanças e permanências*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 2011. p. 1-16. Disponível em: http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/IIedipe/pdfs/a_historia_local_regional.pdf. Acesso em: 10/04/2022.

ROSSI, Maria Helena W. *Imagens que falam*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História pública: um desafio democrático aos historiadores*. UFRR, 2020.

RÜSEN, Jorn. *Razão histórica: teoria da história fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, UNB, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *O exoimaginário urbano*. Revista Rua, v. 24, n. 1, p. 5-16, Campinas, 2018.

IDEM, Lúcia. *Leitura de imagem*. Melhoramentos, São Paulo: 2012.

SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAMUEL R. *História local e história oral*. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.

SANTOS, Jose Luiz dos. *O que é cultura?*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Luis Carlos Borges dos Santos. *A importância do estudo de História Regional e Local na educação básica*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013, p. 1-11. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372277415_ARQUIVO_Artigo-HistoriaRegional_NATAL_.pdf. Acesso em: 10/04/2022.

SÖNEGO, Márcio de Jesus Ferreira. *A fotografia como fonte histórica*. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010. Disponível em: [https://periodicos.furg.br/hist/article/download/2366/1248/6399#:~:text=Para%20Mauad%20\(2004\)%2C%20a,representar%20um%20estilo%20de%20vida](https://periodicos.furg.br/hist/article/download/2366/1248/6399#:~:text=Para%20Mauad%20(2004)%2C%20a,representar%20um%20estilo%20de%20vida). Acesso em: 10/04/2022.

SONTAG, Susan. *Ensaaios sobre fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

SOUZA, Caroline de Novais de. *Sesmarias goianas nos documentos dos arquivos históricos ultramarinos*. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica. UniCEUB, Brasília, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

STECA, Lucinéia Cunha. *Apontamentos sobre ensino de História do Paraná*. Revista História Ensino, v. 10, p. 21-40, E-ISSN: 22383018 Londrina, 2004.

TAGG, John. *La ley sanitaria de Dios. Erradicación de viviendas insalubres y fotografía en el Leeds de finales del siglo XIX*. In: *El peso de la representación*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

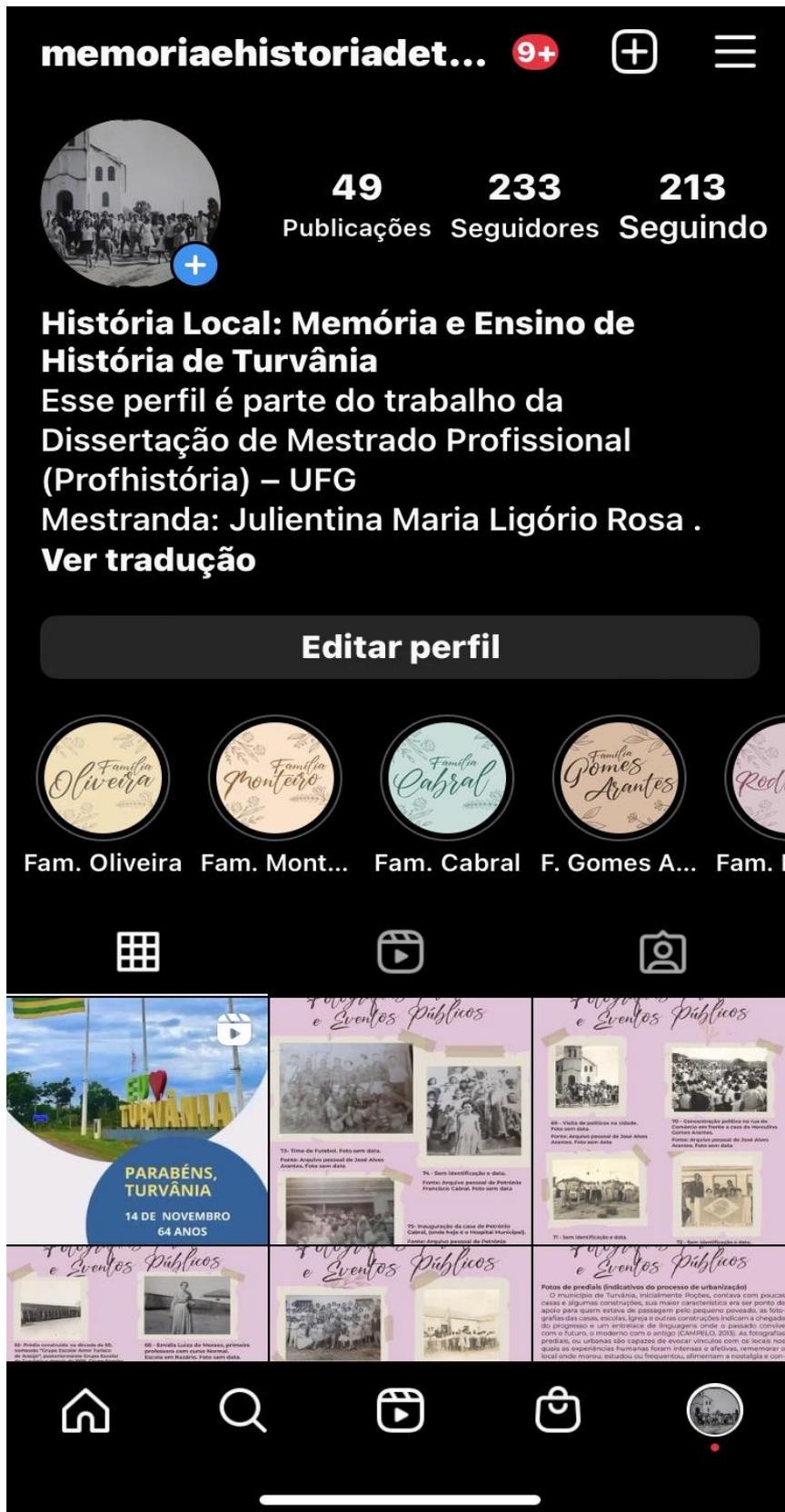
TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TORRE, Ângelo. *A Produção histórica dos lugares*. In: VANDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (orgs). *Micro História: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

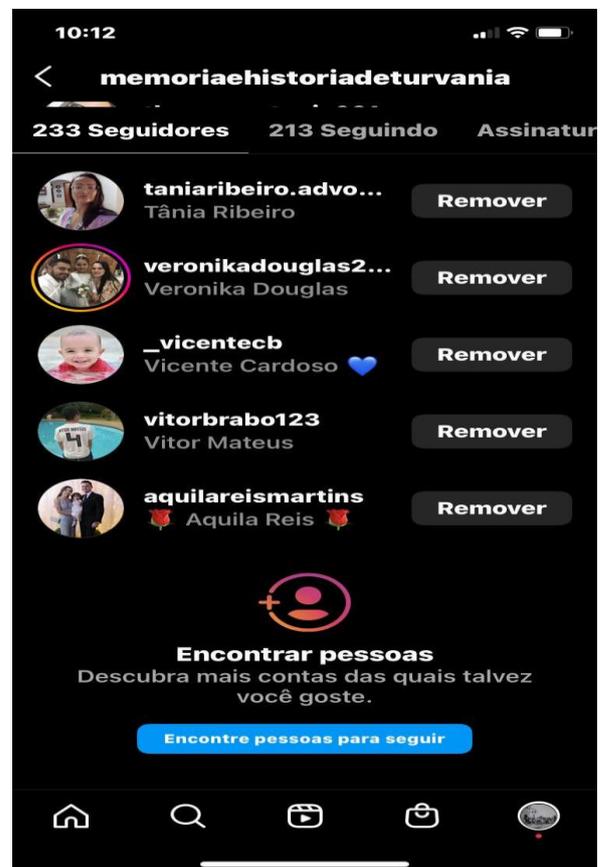
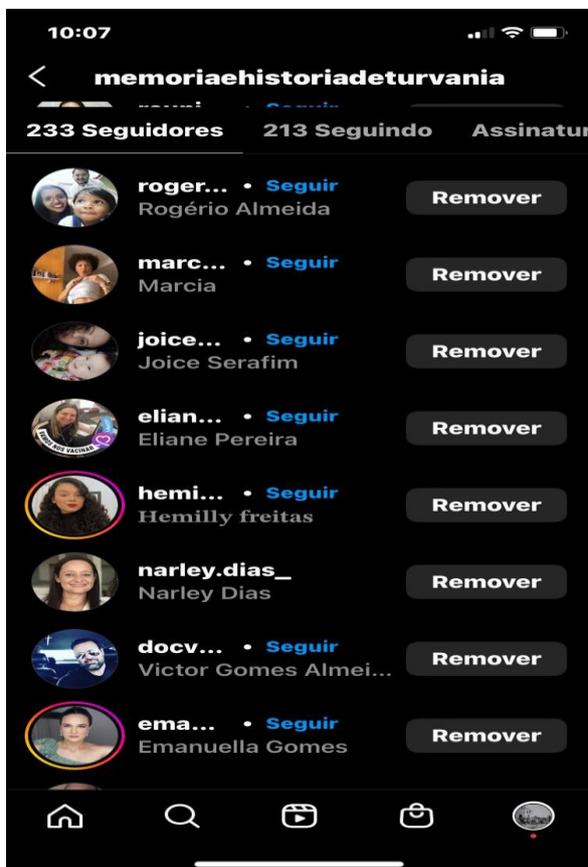
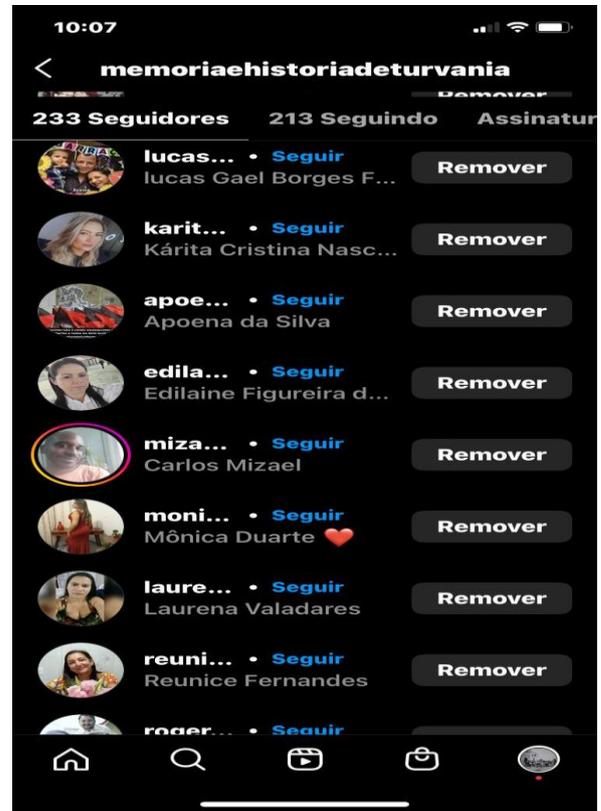
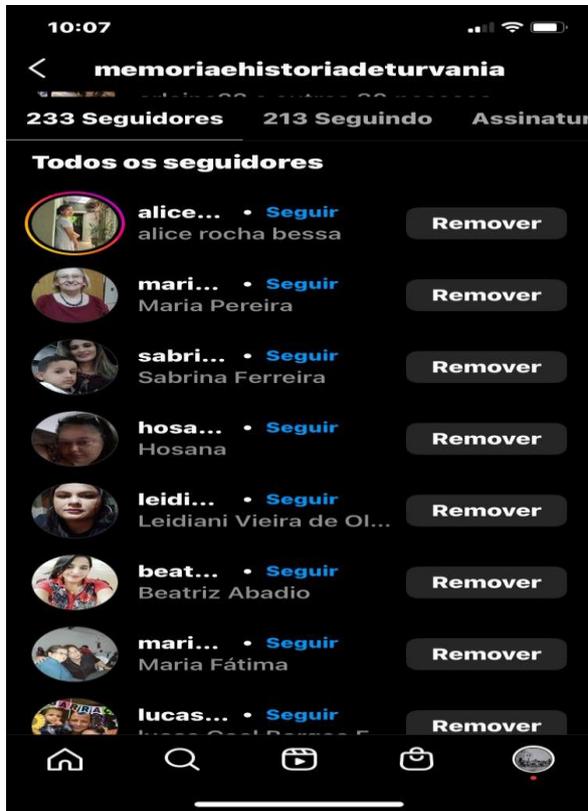
THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA.1990.

ANEXOS

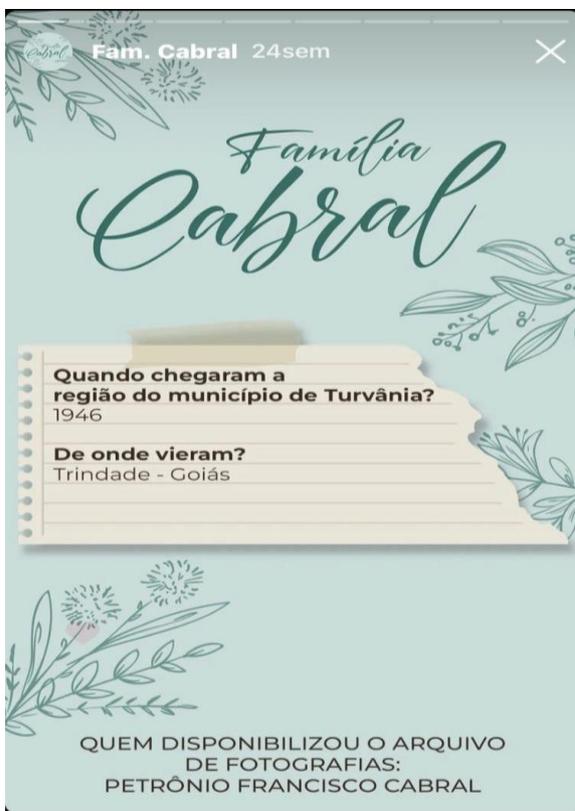
ANEXO A – Perfil @memoriaehistoriadeturvania



ANEXO B – Seguidores do perfil (residentes e outros)



ANEXO C – Destaques (principais famílias da história local)



ANEXO D - Destaques (principais famílias da história local)

Oliveira Fam. Oliveira 24sem

Família Oliveira

Quando chegaram a região do município de Turvânia?
1953

Quando chegaram a região do município de Turvânia?
Campos Gerais MG, chegaram primeiro no municípios de Anicuns Goiás, permanecendo lá por alguns meses, até adquirirem uma propriedade rural na região do atual município de Turvânia.

QUEM DISPONIBILIZOU O ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS: SELENITA MARIA DA

Veja quem curtiu seu story aqui.

Rodrigues Fam. Rodrigues 24sem

Família Rodrigues

Quando chegaram a região do município de Turvânia?
Por volta de 1945

De onde vieram?
Nerópolis - Goiás

QUEM DISPONIBILIZOU O ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS: MARTA LUIZA RODRIGUES

ANEXO E- Publicações

Fotografias Prediais e Eventos Públicos



73- Time de Futebol. Foto sem data.
Fonte: Arquivo pessoal de José Alves Arantes. Foto sem data

74 - Sem identificação e data.
Fonte: Arquivo pessoal de Petrônio Francisco Cabral. Foto sem data



75- Inauguração da casa de Petrônio Cabral, (onde hoje é o Hospital Municipal).
Fonte: Arquivo pessoal de Petrônio Francisco Cabral. Entre 1966 e1967

Propriedades e Rebanhos



58 - Fotografia de Manoel Oliveira enviada a seu pai Seraphim Oliveira, depois que mudou-se do município de Turvânia para Dom Aquino-MT. Foto sem data
Fonte: Arquivo pessoal de Selenita Ligório. Foto sem data.

59 - Informações do verso fazenda Duas Barras Proprietário Martinho Gomes
Fonte: Arquivo pessoal de José Alves Arantes. Foto sem data



Curtido por **flavia.e.carol** e outras **22** pessoas



Curtido por **martaluzia.rodrigues** e outras **16** pessoas

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação.

Vamos juntos, registrar nossa História!

Você identificou alguma pessoa que está nas fotografias?

Que informações complementares (fotografo, data, local onde foi tirada) você possui que pode contribuir com esse trabalho?

Que eventos são retratados nas fotografias?

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação.

Vamos juntos, registrar nossa História!

Você conhece alguma das pessoas retratadas nas fotografias?

O costume de fotografar rebanhos e residências rurais ainda prevalece na atualidade? Cite mudanças e permanências desse costume.

#fotografiadepropriedades#memoriaafetiva#permanencias#mudanças

ANEXO F- Publicações

Individuais



45 - João Gomes Pereira Diniz, patriarca da Família Gomes. Foto sem data, Estúdio Alencastro Veiga.
Fonte: Arquivo pessoal de José Alves Arantes. Foto sem data

Transcrição: "Oferecido aos meus filhos Erculino e dona Margarida em lembrança deste mundo de quando deste mundo "arritrar" ficando este da "lembrança", "demos" agradecimentos. Pela bondade que "tiverão" com "seos" pais por me ter "agudado" criar suas irmãs "di" ambas partes pelo que sempre "pesso" a Deus "pa" "cítiver" filhos serem recompensado com a mesma..." (não foi possível ler o restante da dedicatória).






 Curtido por **flavia.e.carol** e outras **21** pessoas

Fotografias Mortuárias



40 - Isabel Oliveira, filha de Seraphim José de Oliveira e Laurentina Maria da Conceição. Fonte: Arquivo pessoal de Selenita Ligório. Foto sem data

41 - Laurentina Maria da Conceição 25/12/1967. Fonte: Arquivo pessoal de Selenita Ligório.

42 - Maria Eulália de Jesus. Foto sem data. Fonte: Arquivo pessoal de Zulma Monteiro. Foto sem data.






 Curtido por **flavia.e.carol** e outras **21** pessoas

MEMÓRIAS HISTÓRIAS DE TURVANIA

Publicações

 Curtido por **flavia.e.carol** e outras **21** pessoas

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação. Vamos juntos, registrar nossa História!

Toda fotografia tem uma intencionalidade, e o fotógrafo é que faz esse "filtro". Por isso é importante analisar tudo que nela contém. Nas imagens e dedicatórias você consegue perceber essa intencionalidade?

A fotografia 45 é realmente muito antiga, como não se tem data, ela talvez até ultrapasse o recorte temporal da pesquisa. Ao ler dedicatória do autor, qual sua preocupação e intencionalidade?

#fotografiaantiga#memoriaafetiva#historiadeturvania

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação. Vamos juntos, registrar nossa História!

O texto fala que as vestimentas dos defuntos normalmente eram pretas, que diferenças você observa nas fotografias ?

Você já viu outras fotografias mortuárias?

A prática de fotografar os defuntos ainda ocorre?

Atualmente, como são as homenagens aos mortos? Ainda há uso de fotografias?

#Fotografias#memória#historiadeturvania

ANEXO G- Publicações

Batismos e Primeira Comunhão



38 - Foto sem data e identificação.
Fonte: Arquivo pessoal de Zulma Monteiro.



39 - Preparação para Primeira Comunhão, Pe. Wiro. Foto sem data.
Fonte: Arquivo pessoal de Petrônio Francisco Cabral.






 Curtido por **flavia.e.carol** e outras 19 pessoas

memoriaehistoriadeturvania Momento de reflexão e interação.

Vamos juntos, registrar nossa História!

Você conhece alguma das pessoas retratadas?

Algumas fotografias não estão com todas as informações. Segundo, Mauad 2008, informações como: agência produtora, ano, local retratado, tema retratado, pessoas retratadas, objetos retratados, atributo das pessoas, atributo da paisagem, tempo retratado (dia/noite) são muito importantes para uma boa leitura das fotografias. Essas informações ajudariam a compreender melhor essas imagens? Você tem alguma informação complementar?

#memóriaafetiva#fotografia#historiadeturvania

Crianças



7 - Podemos ver "da esquerda para a direita Maria Vicência, Nena, Marisa e Terezinha do Odilon" (informações contidas no verso da fotografia), Fotografia sem data.
Fonte: Arquivo pessoal de José Alves Arantes.



8 - Carlos José de Oliveira, primogênito de Luzia de Oliveira e Jerônimo de Antônio de Araújo, com 7 meses de idade. Fotografia aproximada de 1953.
Fonte: Arquivo pessoal de Selenita Ligório.






 Curtido por **flavia.e.carol** e outras 21 pessoas

ANEXO H- Comentários

 **ligoriomariadocarmo** 10sem

Na fotografia 41 Minha avó Laurentina, morreu em 1967 ainda jovem com complicações pulmonares devido ao tabagismo. Nem a conheci, pois quando ela morreu eu tinha 6 meses de vida. Era chamada de "Madrinha Lora", era comum os filhos mais velhos do casal serem batizados pelos avós, assim como o filho mais velhos, muitas vezes os demais filhos do casal chamavam os avós de "padrinhos" e não de vovô e vovó. Esta é uma das poucas fotos da minha avó, só sei dessas histórias porque sempre que íamos ver as fotos antigas meu pai me contava.

Responder Enviar Ver tradução

 **gigijonesnovelista** 14sem

Fotos históricas mostrando momentos tristes 😞

Responder Enviar

 **ligoriogeraldo** 10sem

Fotografia 30 - Meus tios-avós João Batista de Oliveira e Cecília na festa de Trindade. Eles casaram-se em 1964, um ano após minha avó. Tio João é irmão de meu avô Afonso e tia Cecília, irmã da minha avó Selenita.

A religiosidade e a devoção ao Divino Pai Eterno impulsionava os moradores do município de Turvânia a peregrinação à Trindade para pedir ou agradecer uma graça alcançada. Tradição que permanece até os dias de hoje.

Responder Enviar Ver tradução

 **gigijonesnovelista** 14sem

As fotos são sempre uma história visual 🙌🙌🙌🙌

2 curtidas Responder Enviar Ver tradução

Comentários

 **mariafatima7717** 4sem

A foto de número 64, retrata uma Escola Municipal da Zona Rural no Município do Fundoso (Turvânia Goiás), na qual tive o prazer de trabalhar e contribuir com a Educação daquelas crianças. Foi uma experiência que jamais vou esquecer, um dos momentos melhores de minha vida.

Responder Enviar Ver tradução

 **hernanearantes** 15sem

Manoel Gomes, Sebastião Gomes, Osvaldo Gomes (in memória) e Maria Gomes. Primeira foto moradores de nosso município. 2 foto José Arantes morador em nosso município meu pai. 🙌🙌🙌

Responder Enviar Ver tradução

 **gigijonesnovelista** 15sem

Estou adorando ver estas fotos antigas, 🙌🙌

Responder Enviar Ver tradução

Comentários

 **55maria_dos_reis55** 4sem

Sou professora da rede estadual de Turvânia usei as fotografias da família Gomes desse Instagram para desenvolver um projeto de Iniciação Científica História de Turvânia contribuiu muito para o desenvolvimento do projeto foi muito importante parabéns professora Julientina levando o conhecimento para a população.

Responder Enviar Ver tradução

 **ligoriomariadocarmo** 10sem

Fotografia 29 Padre Wiro e uma irmã passionistas. No livro do Pe. Rodrigo Alves Ferreira "Os pioneiros: história e memória dos Padres e irmãs passionistas em Goiás" de 2022, cita que o Pe. Wiro van Vliet foi o segundo padre passionistas vindo da Holanda a chegar em Goiás. Atuou na paróquia de Anicuns entre 1959 a 1963 e dava assistência a comunidade de Turvânia. Os passionistas, quando chegaram a região encontraram uma população com um alto índice de analfabetismo, falta de água

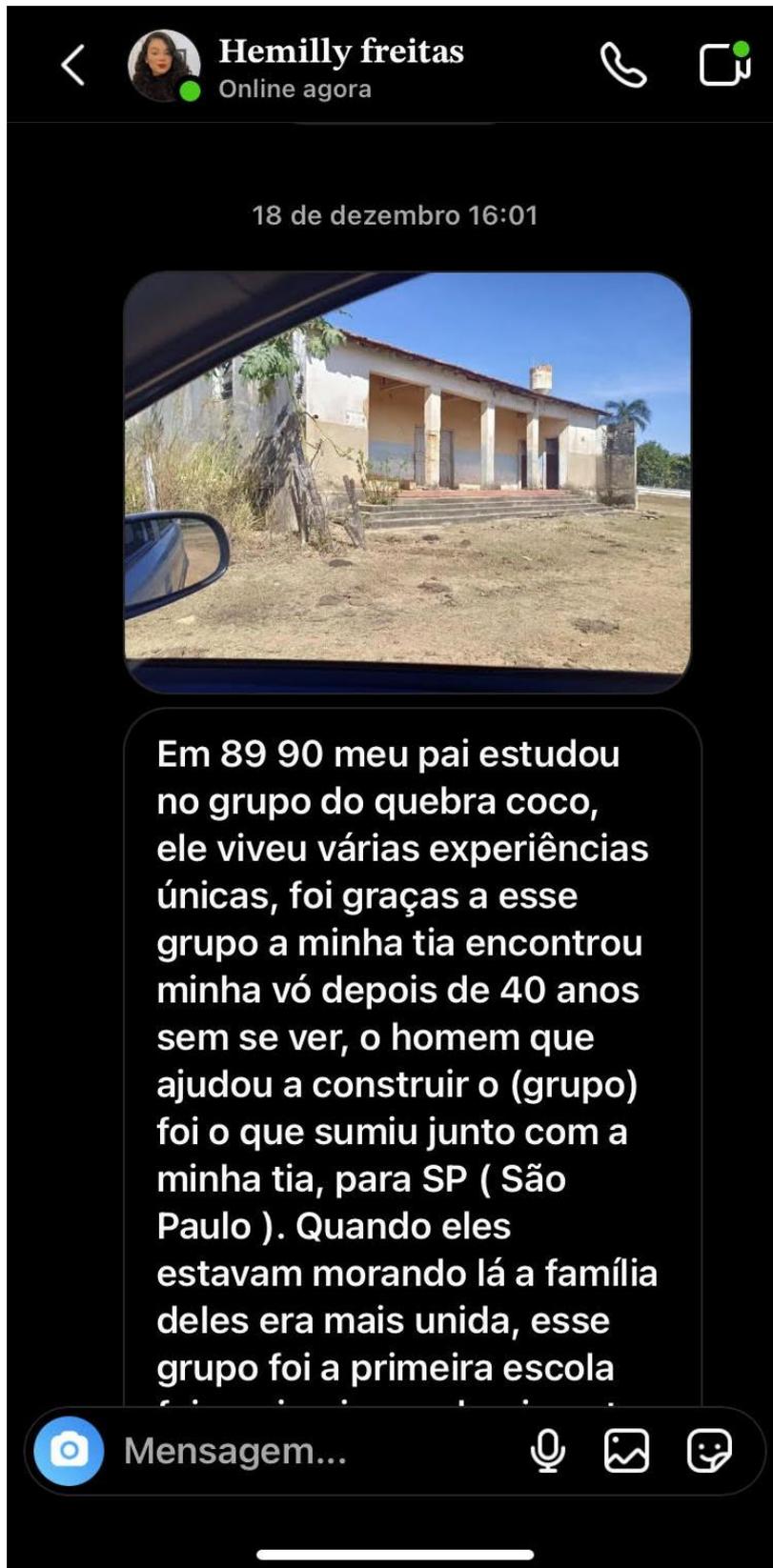
ANEXO I- Comentários

ogranã
mariaaugusta3797 Meu pai tinha uma bicicleta igual a esta, nunca consegui andar nela normalmente, só com a perna dentro do quadro. Bons tempos aqueles.
10 de outubro de 2022 · [Ver tradução](#)

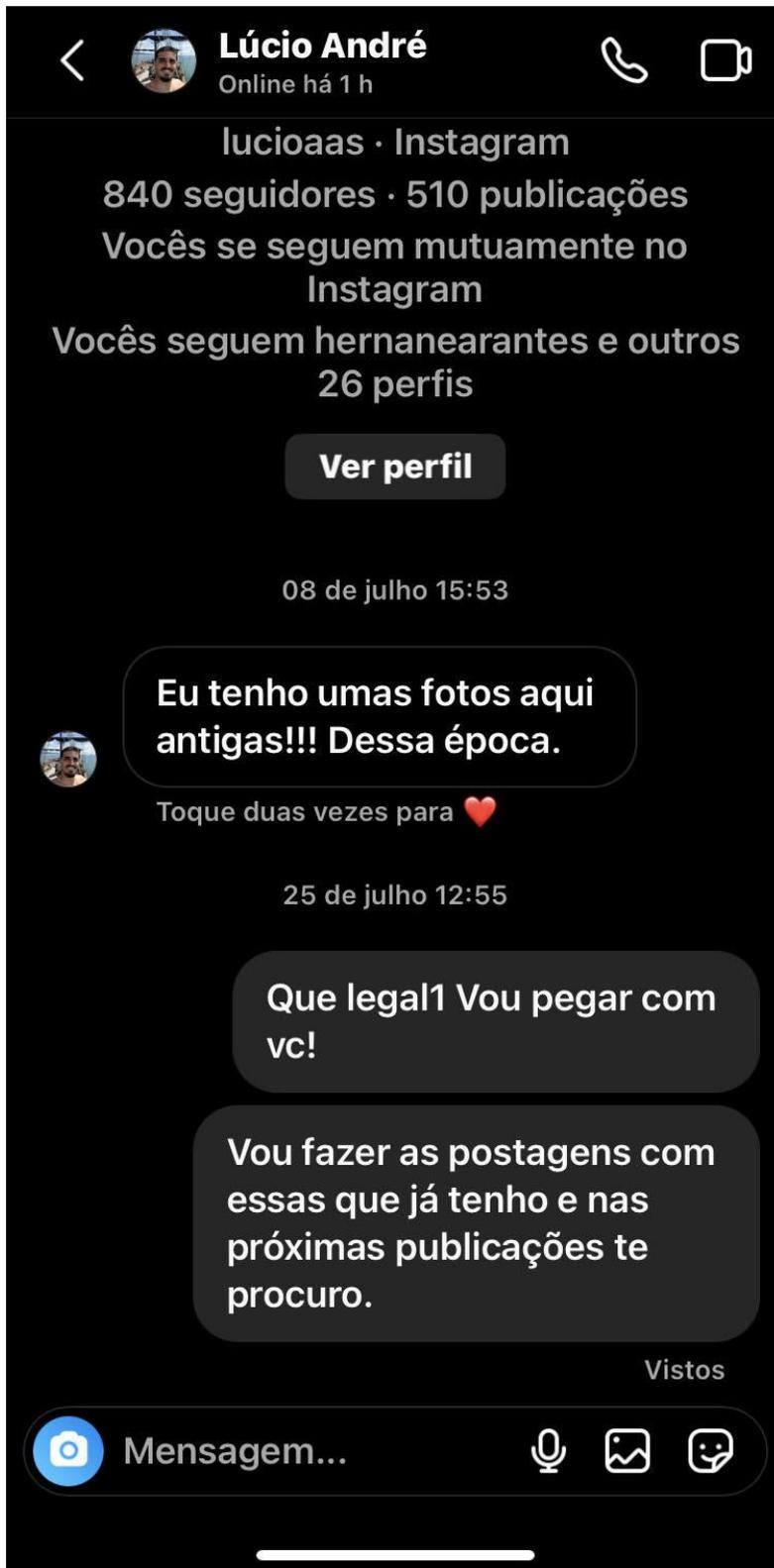
mateusgomesmonteirocaetano
Infelizmente nesse acidente minha vó paterna faleceu data 08 /08 / 1967 🥹🥹
🥹🥹🥹
10 de outubro de 2022

hernanearantes Juarez Gomes era irmão do Afonso E Nequinha Gomes
mateusgomesmonteirocaetano 🙌🙌🙌 meu tio Herculino ❤️

ANEXO J- Mensagens no direct



ANEXO L- Mensagens no direct



ANEXO M- Mensagens no direct

